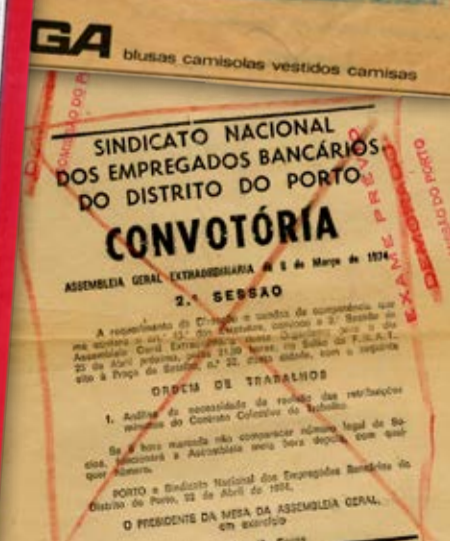
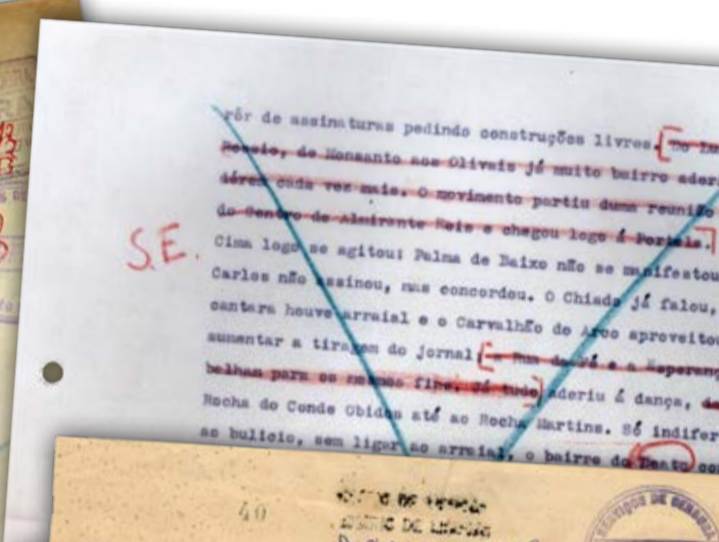
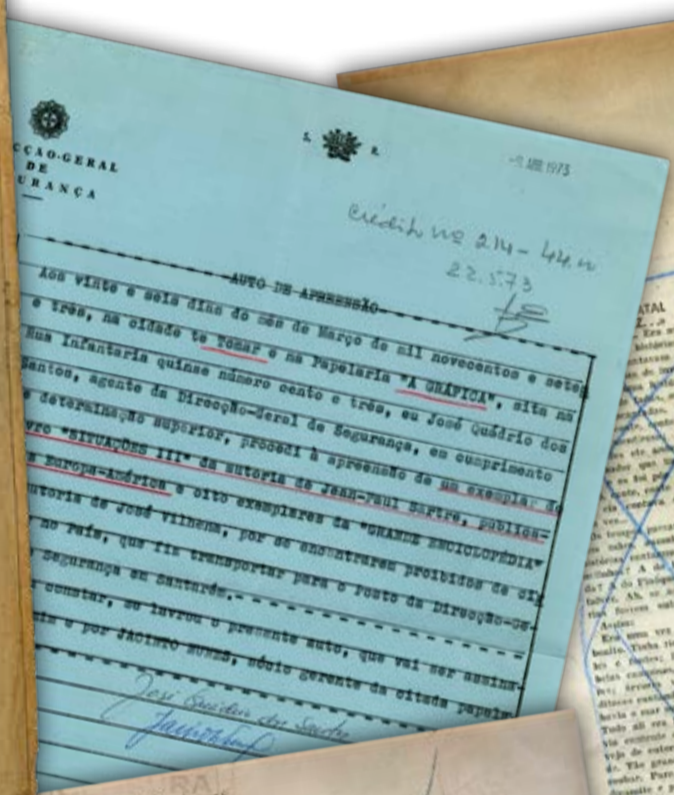


(Re)Cortes da Ditadura



MILHARES DE TONELADAS APODRECEM EM VAGÕES

de Por Pereira Pinto

EXAME PREVO... PROIBIDO... EXAME PREVO...

SABE BEM A LIBERDADE!!!

O lápis azul foi um dos símbolos mais fortes do regime ditatorial que vigorou em Portugal durante 48 anos.

Começou como proteção do golpe militar de Gomes da Costa, iniciado em Braga, em 1926, e foi-se transformando numa espécie de bisturi e guardião ideológico da ditadura do Estado Novo.

Com Oliveira Salazar e Marcelo Caetano, no comando.

Era com o lápis azul que os censores decidiam aquilo que o país deveria saber, através da imprensa, rádio e televisão, através dos livros, do cinema, do teatro, da música, da pintura, ou de qualquer outro meio de divulgação da criatividade.

A própria revolta de 25 de Abril de 1974 foi censurada, como se vê nesta exposição.

O lápis azul foi mesmo quebrado e hoje, passados mais de 50 anos sobre o “25 de Abril”, estamos a viver o maior período de liberdade de toda a história portuguesa.

Esta exposição é apenas um testemunho dos mecanismos censórios que vigoraram, em Portugal, durante 48 anos.

Trata-se de uma mostra pequena para a imensidão de cortes. Mas ajuda a perceber a grandeza da liberdade que os militares do MFA trouxeram no 25 de Abril.

Conhecer o passado reforça o direito à respiração livre de hoje.

Sabe bem a LIBERDADE!

**(Re)Cortes
da Ditadura**

LUIZ HUMBERTO MARCOS Diretor da Museu Nacional da Imprensa

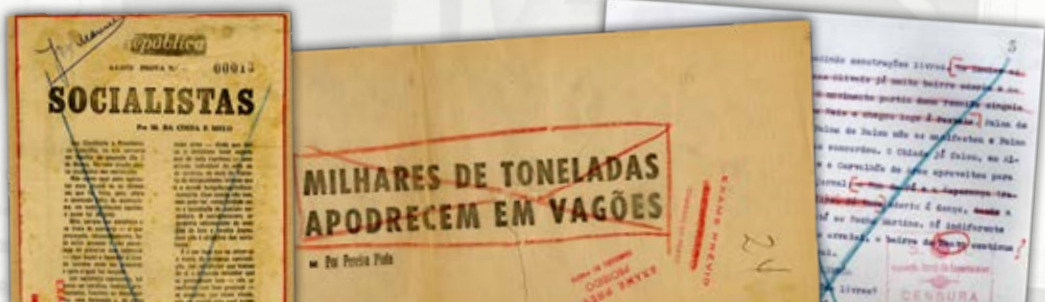


DIRECCAO-GERAL DE SEGURANCA
AUTO DE APREENSÃO
AS VIRTU E MAIS TIRA DO DIA DO MUNDO DA CIL APODRECEREM

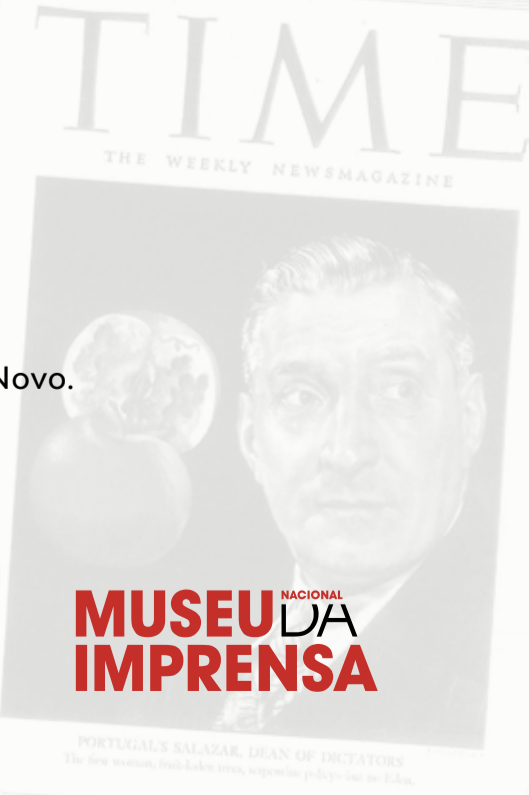


Carimbos e lápis utilizados pela Censura e pelo Exame Prévio, durante o Estado Novo.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU DA IMPRENSA

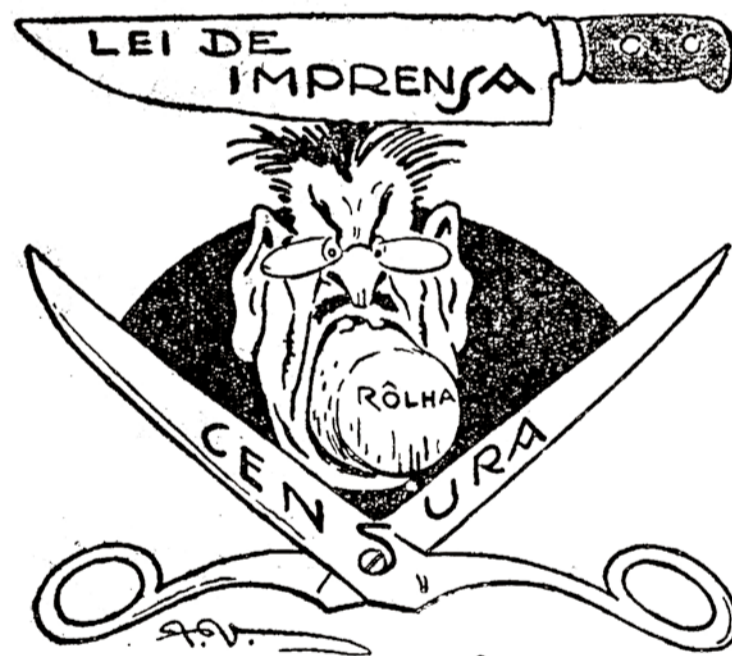


Além da mesa censoria...



... temos a censura da mesa redonda dos "Arrotarios!"

Depois da tesoura, o facalhão!

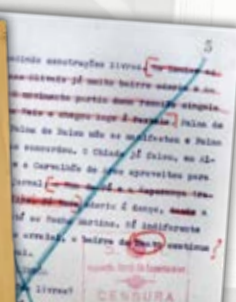
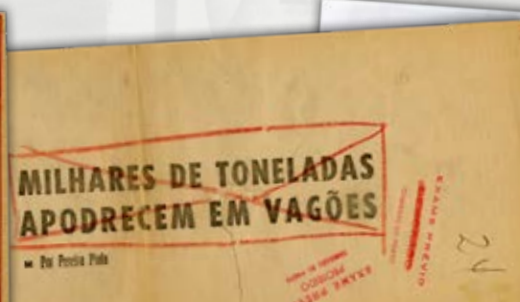


Na impossibilidade de desenharmos e escrevermos no "Diário do Governo", teremos de transformar o "Sempre fixe" em jornal de modas. Já temos mesmo uma linda coleção de figurinos de "dolmans", calças à Chantilly, capotes, etc., para a presente estação. Vamos desbançar o Depósito de Fardamentos!

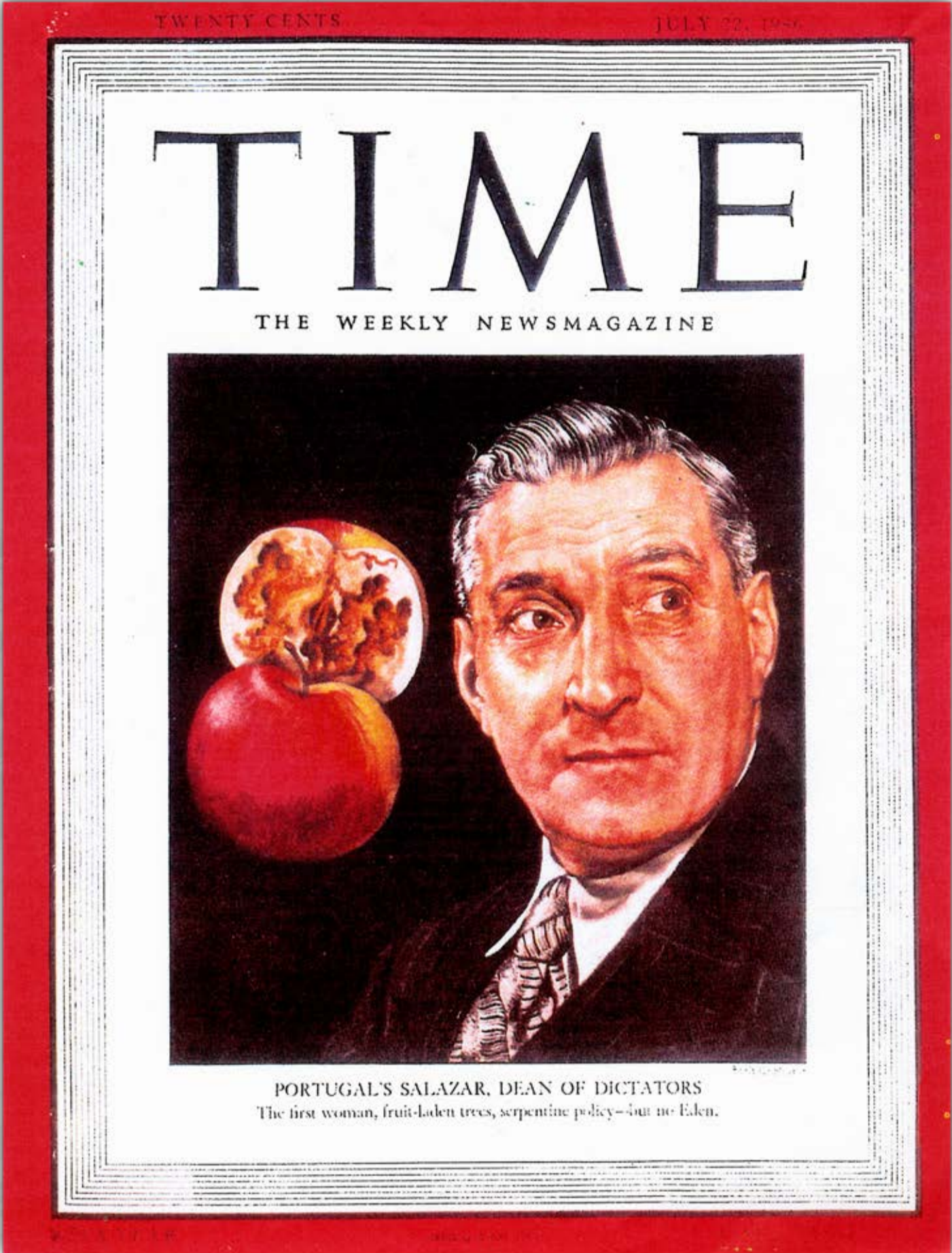
Caricaturas alusivas à censura, da autoria de Francisco Valença, publicadas no 1º Álbum "Sempre Fixe", pouco menos de um mês após o Golpe Militar de 28 de Maio de 1926.

[Sempre Fixe, Lisboa, 23/06/1926]

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA



TWENTY CENTS

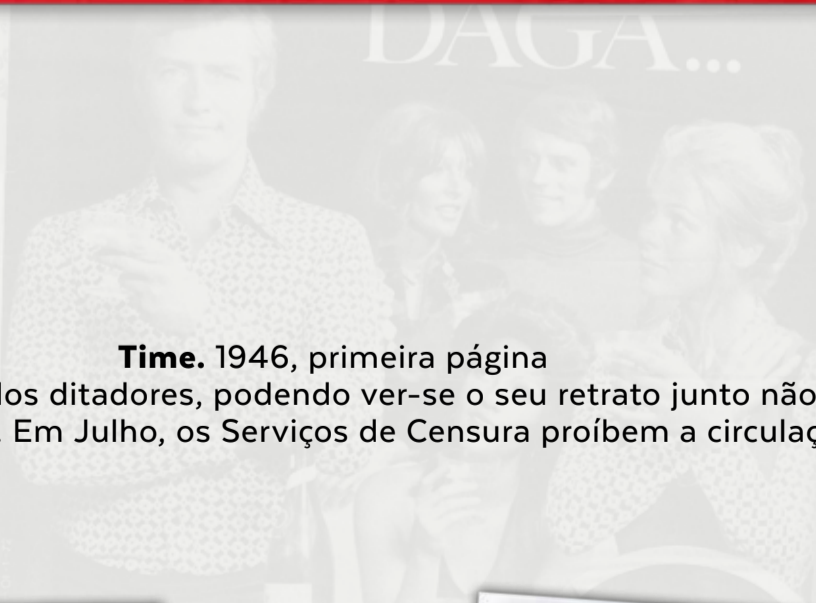
JULY 22, 1956

TIME

THE WEEKLY NEWSMAGAZINE



PORTUGAL'S SALAZAR, DEAN OF DICTATORS
The first woman, fruit-laden trees, serpentine policy—but no Eden.



EXAME PRÉVIO PROIBIDO

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DO PORTO

CONVOTÓRIA

REUNIÃO GERAL EXTRAORDINÁRIA N.º 2 de Maio de 1956

2.ª SESSÃO

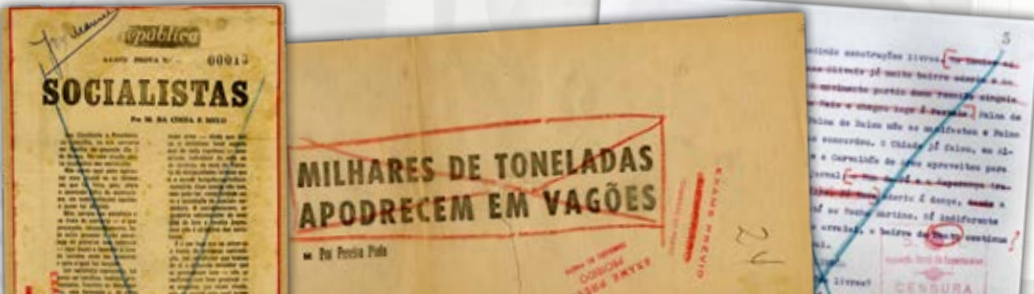
ORDEM DE TRABALHOS

JORNAL DE NOTÍCIAS

ANO 25.º - N.º 203

22 de JULHO de 1956

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

Time. 1946, primeira página
Salazar é apresentado como o decano dos ditadores, podendo ver-se o seu retrato junto não do brasão português, mas de uma grande maçã em decomposição. Em Julho, os Serviços de Censura proibem a circulação em Portugal da Revista.

Censura - 27/4/66

**OLIVEIRAS,
SALAZAR & C.ª LDA.**

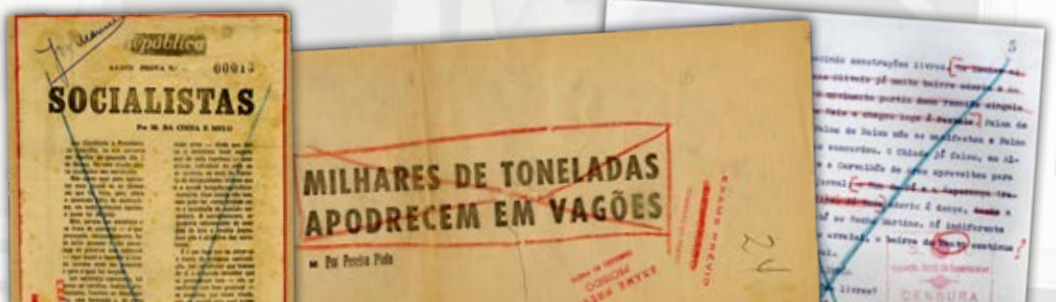
O «Diário do Governo» de hoje, III série, publica a escritura de constituição de uma nova sociedade comercial, sob a designação de Oliveiras, Salazar & C.ª, Lda., que se dedicará ao ramo de confecções em malha, bijutarias e artigos similares.

Formam a sociedade os srs. Miguel Thenáste Salazar Coelho, José Joaquim de Castro Feijó, Alfredo de Oliveira Barros e Luís de Oliveira Barros.

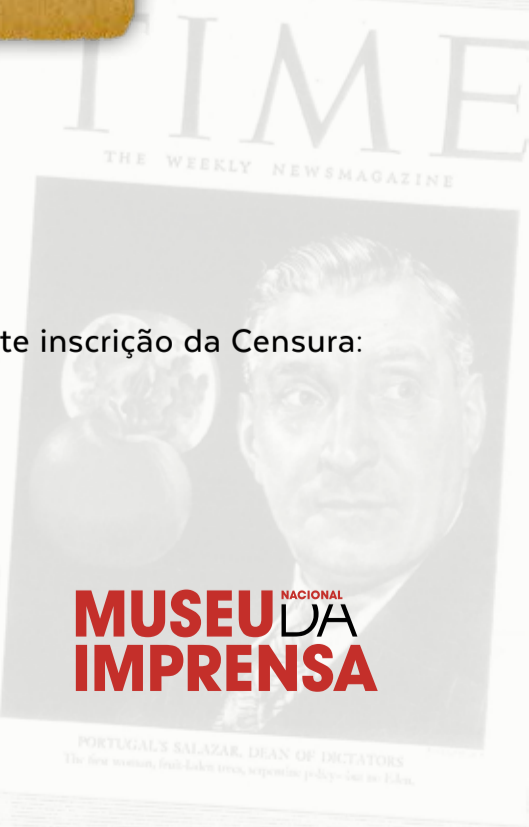
A firma não pode ser utilizada para título.

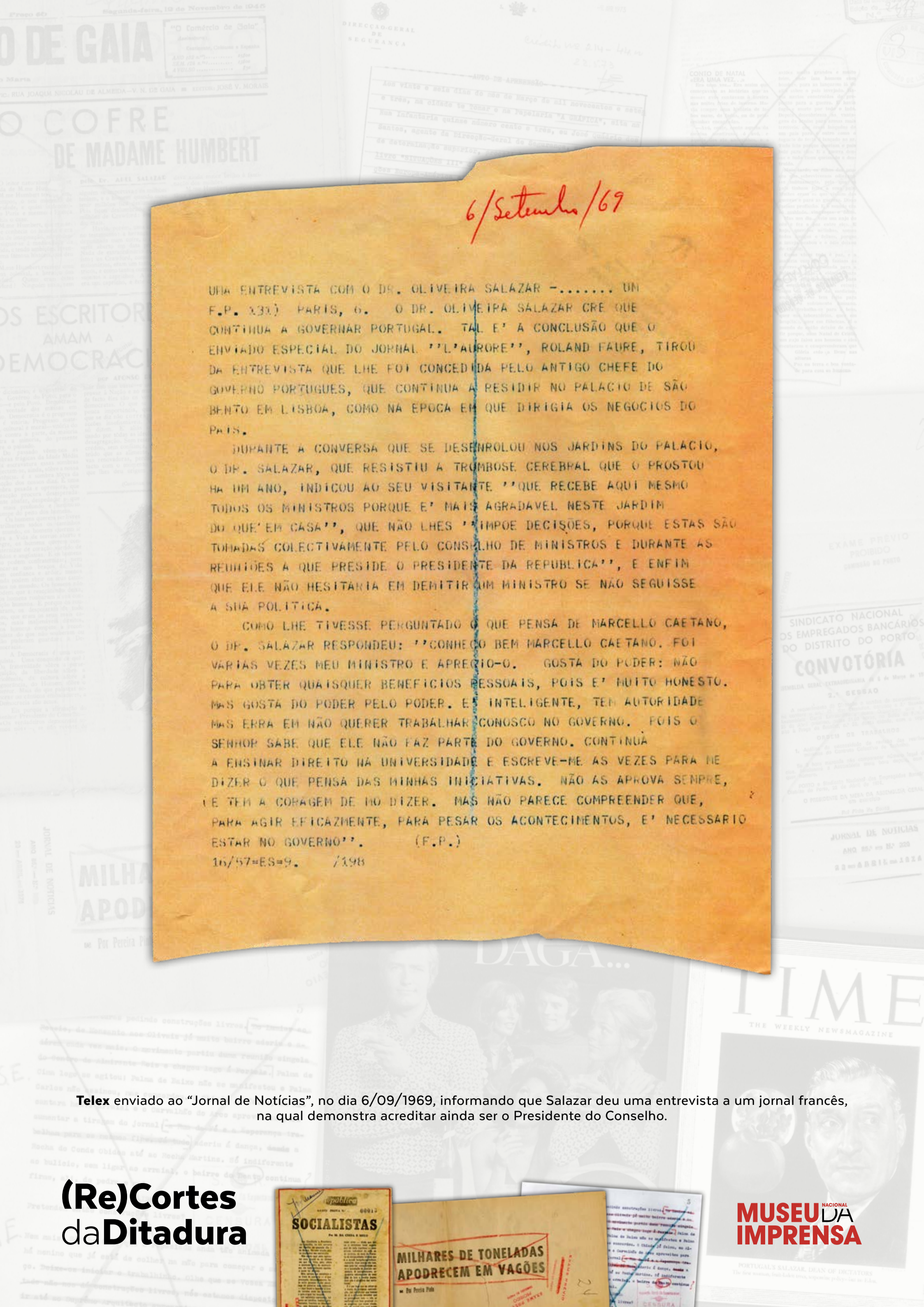
Prova de uma pequena notícia, de 27/04/1966, intitulada "Oliveiras Salazar & Cª LDA" com a seguinte inscrição da Censura: "A firma não pode ser utilizada para título".

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU DA IMPRENSA





6/Setembro/69

UMA ENTREVISTA COM O DR. OLIVEIRA SALAZAR -..... UN F.P. 131) PARIS, 6. O DR. OLIVEIRA SALAZAR CRE QUE CONTINUA A GOVERNAR PORTUGAL. TAL E' A CONCLUSÃO QUE O ENVIADO ESPECIAL DO JORNAL "L'AUREORE", ROLAND FAURE, TIROU DA ENTREVISTA QUE LHE FOI CONCEDIDA PELO ANTIGO CHEFE DO GOVERNO PORTUGUES, QUE CONTINUA A RESIDIR NO PALACIO DE SÃO BENTO EM LISBOA, COMO NA EPOCA EM QUE DIRIGIA OS NEGOCIOS DO PAIS.

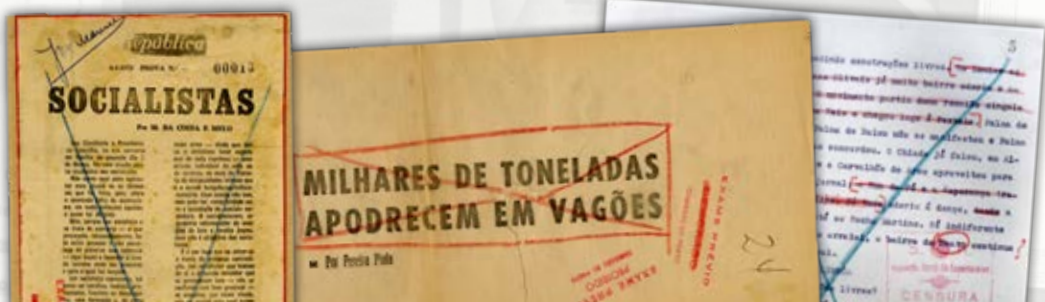
DURANTE A CONVERSA QUE SE DESENOLOU NOS JARDINS DO PALACIO, O DR. SALAZAR, QUE RESISTIU A TROMBOSE CEREBRAL QUE O PROSTOU HA UM ANO, INDICOU AO SEU VISITANTE "QUE RECEBE AQUI MESMO TODOS OS MINISTROS PORQUE E' MAIS AGRADAVEL NESTE JARDIM DO QUE EM CASA", QUE NÃO LHE S'IMPOE DECISÖES, PORQUE ESTAS SÃO TOMADAS COLECTIVAMENTE PELO CONSELHO DE MINISTROS E DURANTE AS REUNIÖES A QUE PRESIDE O PRESIDENTE DA REPUBLICA", E ENFIM QUE ELE NÃO HESITARIA EM DEMITIR UM MINISTRO SE NÃO SEGUISSE A SUA POLITICA.

COMO LHE TIVESSE PERGUNTADO O QUE PENSA DE MARCELLO CAETANO, O DR. SALAZAR RESPONDEU: "CONHECO BEM MARCELLO CAETANO. FOI VARIAS VEZES MEU MINISTRO E APRECIO-O. GOSTA DO PODER: NÃO PARA OBTEN QUAISQUER BENEFICIOS PESSOAIS, POIS E' MUITO HONESTO. MAS GOSTA DO PODER PELO PODER. E' INTELIGENTE, TEM AUTORIDADE MAS ERRA EM NÃO QUERER TRABALHAR CONOSCO NO GOVERNO. POIS O SENHOR SABE QUE ELE NÃO FAZ PARTE DO GOVERNO. CONTINUA A ENSINAR DIREITO NA UNIVERSIDADE E ESCRIBE-ME AS VEZES PARA ME DIZER O QUE PENSA DAS MINHAS INICIATIVAS. NÃO AS APROVA SEMPRE, E TEM A CORAGEM DE NO DIZER. MAS NÃO PARECE COMPREENDER QUE, PARA AGIR EFICAZMENTE, PARA PESAR OS ACONTECIMENTOS, E' NECESSARIO ESTAR NO GOVERNO". (F.P.)

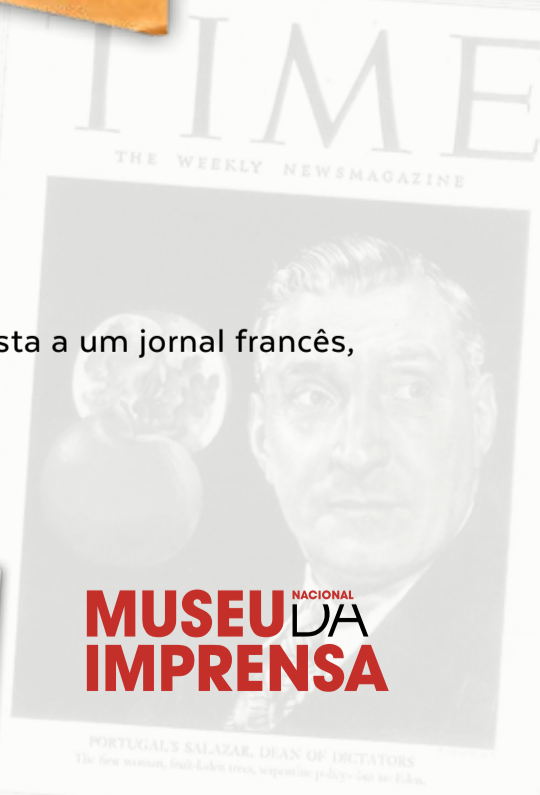
16/57=ES=9. /198

Telex enviado ao "Jornal de Notícias", no dia 6/09/1969, informando que Salazar deu uma entrevista a um jornal francês, na qual demonstra acreditar ainda ser o Presidente do Conselho.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA





Jose Manuel

República

4-4-1973 PROVA N.º -- 00013

SOCIALISTAS

Por M. DA COSTA E MELO

Sua Excelência o Presidente do Conselho, na sua conversa em família do passado dia 1 de Março, fez uma alusão pouco académica aos socialistas.

Não estou aqui para contestar essa alusão ou os termos em que foi feita, pois, agora a apontada falta de académismo, em nada beliscava aqueles a quem foi dirigida.

Mas, porque sou socialista e se trata de conversa — o que pressupõe, necessariamente, fala entre pessoas e não monólogo de palavras sem resposta — aqui estou a levantar a luva do terreiro onde me encontro e para o qual foi lançada.

Ser socialista representa, tal como ser católico, budista, protestante, fascista ou monárquico, uma formação e, de certo modo, uma atitude. Mas, entendendo-se, uma atitude traduzida pela perspectiva de uma conquista com um objectivo eminentemente social de igualdade e não só social na distribuição de aparências emolientes.

A vida do «socialista» na sociedade burguesa e capitalista em que estamos integrados, não pode nem deve ser uma atitude desintegrada do meio a não ser no combate frontal a esse mesmo meio. Esse combate visa obter, pela mudança a operar na sociedade, uma igualdade de direitos perante as possibilidades, sem esquecer a correcção dos resultados desiguais provenientes da diferença de potencialidades de cada indivíduo ou grupo.

O «socialista» não visa, no mundo burguês e capitalista — fascizado ou não — lutar com o exemplo da própria vida. Seria, se o fizesse, um exemplo de idiotice apostólica aguda, muito venerável, é certo, mas de todo em todo inconsequente.

O «socialista» consciente luta pela igualdade a viver em regime socialista de todos e para todos. Mas sabe e sente, como é óbvio, que para a realização dessa possibilidade terá de eliminar o mundo contra o qual luta e que é antagónico do objectivo em vista. Não po-

como arma — ainda que lealdade do socialista lutar usando mas de todo ingénuo — uma atitude individual de vida ou de conduta, no meio da floresta de desigualdades iníquas que é o mundo burguês-capitalista-bancário. Esse mundo não tem, nem pode ter, receptividade para a instalação do «social» verdadeiro. O social-máscara, argumento adormecedor de energias de luta e revolta justas, esse não é objectivo dos socialistas.

É por isso que ao atirar-se a ironia da pretensa contradição, aos socialistas que tratam de si e deixando entender que se governavam bem — não se confundem com bem governar — se esqueceu que esses vivem, não no mundo pela qual lutam mas no mundo contra o qual combatem.

A difusão é tão nítida como aquela que em mundo socialista se verificaria, ao abrir-se um «guichet» para recebimento de dividendos de acções e recibos daquelas empresas que, por tentaculares e monopolistas, asfixiam a economia de muitos para engordar «suinamente» a de bem poucos.

Essas empresas, essa asfixia, esse engordar, não terão lugar no mundo pelo estabelecimento do qual os socialistas se batem, mesmo quando «governam bem a sua vida».

Até ao fim da luta, sim, é um longo e árduo caminho a que nem o «tratar» de si... tira a beleza, pois a possibilidade para todos, contrasta bem com de d eser atingido, por alguns o mundo em que se vive e que está sendo ordenado por quase todos para amamentação de alguns, bem poucos, mas... insaciáveis!

As palavras do Senhor Preque aos socialistas não ferem, sidente do Conselho não ironias nem — creio-o bem — foram ditas com esse fim. Mas justificam, inteiramente, sem mesmo invocar o desportivo «fair play» está colocação de pontos nos l... i... i...

M. DA COSTA E MELO

EXAME PRÉVIO PROIBIDO COMISSÃO DE LISBOA

EXAME PRÉVIO PROIBIDO



MILHARES DE TONELADAS APODRECEM

Por Pereira Pinto

EXAME PRÉVIO PROIBIDO COMISSÃO DE LISBOA SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DO PORTO CONVOTÓRIA

TIME THE WEEKLY NEWSMAGAZINE

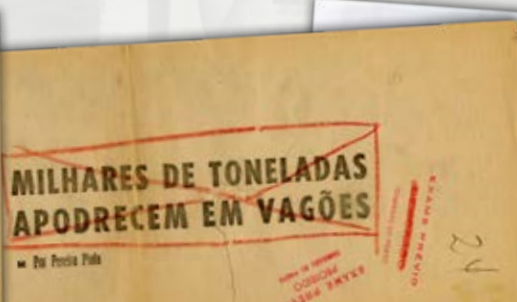


MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

República. Lisboa, 1973

Prova de página, de 04/04/1973, com o artigo "Socialistas" proibido pelo Exame Prévio.

(Re)Cortes da Ditadura



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ESCALADA DA TORTURA

Qualquer regime fascista é inconcebível sem a violência e o crime. São inumeráveis e inenarráveis os crimes que o fascismo tem atrás de si. Que o digam os povos do mundo que o têm sofrido ou o sofrem. Que o digamos nós portugueses que o sofremos há 48 anos. Que o diga o martirizado povo do Chile. Um dos aspectos mais característicos da violência fascista é a tortura sobre os presos políticos. É um facto que o grau de violência que assume a tortura praticada pela polícia política varia geralmente conforme a agudização da luta pelo derrubamento do regime e também conforme o grau das contradições internas do próprio regime num momento dado. Mas a acção

das massas contra a tortura, a denúncia pública da tortura, a mobilização da opinião pública contra a tortura podem fazer recuar os torturadores.

Neste momento assistimos a mais uma escalada da tortura praticada pela PIDE-DGS sobre os antifascistas que lhe caem nas mãos. A generalidade dos presos que ultimamente têm passado pela polícia têm sido barbaramente torturados. Além da cruel tortura do sono, que chega a prolongar-se por semanas e deixa quase sempre invisivelmente marcadas para o resto da vida as suas vítimas, estão a tornar-se sistemáticos os selváticos espancamentos a chicote ou a cavalo marinho simultaneamente a tortura do sono.

Os presos aparecem nas visitas com evidentes sinais de que foram torturados, por vezes cober-

(continuação na 4.ª pag.)

Não dar tréguas ao fascismo

«O País anseia pôr fim às guerras coloniais e ao governo dos monopólios, o país quer uma mudança de regime e as liberdades democráticas. Estes objectivos, estes anseios, tornaram-se uma exigência nacional!» Esta conclusão apontada num dos manifestos de Março da Comissão Executiva do Partido, é confirmada em cada dia que decorre.

As massas populares, as mais variadas camadas sociais, pode mesmo dizer-se que todas as camadas não-monopolistas, descreem cada vez mais do governo de M. Caetano e manifestam um crescente descontentamento. Muitos dos que ainda ontem estavam com a política do governo deixaram de o apoiar, manifestam a sua descrença ou mesmo oposição.

O governo está ao serviço exclusivo dos monopólios

Na «conversa» de 28-3, M. Caetano bem procurou disfarçar o acentuado aprofundamento da crise e isolamento do regime e do governo. Até disse que tem recebido «milhares de mensagens de apoio» e foi mesmo «presidir» ao desafio de futebol Sporting-Benfica, onde se fartou de esbracejar, a pedir aplausos que não se ouviam. Pretendeu considerar-se ferido por se afirmar que a sua política colonial serve para «favorecer os grandes interesses capitalistas». Que calúnia!... Será que as infames guerras e dominação dos povos coloniais se fazem para defesa dos interesses da classe operária, dos camponeses, da juventude, do povo português?

M. Caetano não consegue esconder uma realidade que se impõe cada vez mais claramente: O governo está ao serviço exclusivo dos monopólios. Lucros cada vez maiores para os monopólios e uma crescente exploração e miséria para os trabalhadores continua a ser a essência da política de M. Caetano, como bem o mostra a continuação do aumento vertiginoso dos preços. E é o próprio governo que provoca a subida constante dos preços, como se provou, mais uma vez, com os aumentos de 50% a 100% nas tarifas postal, telefónica e telefónicas.

Não dar tréguas

Por todo o país, assim como nas

tecolonialista assume formas crescentes. O governo está a ser acosado e batido em todas as frentes e mesmo nas forças armadas cresce a resistência, a oposição e a luta contra o fascismo e o colonialismo. Não há que dar tréguas. Transformar o descontentamento em acções de massas é a tarefa que se coloca aos comunistas, a todos os democratas e patriotas.

Unir, organizar e lutar é a tarefa que se coloca a todos os antifascistas!

No já citado manifesto da Comissão Executiva, afirma-se:

«As condições políticas são al-

tamente favoráveis para intensificar e alargar mais e mais a luta de massas nas várias frentes de luta antifascista, para unir e organizar novas camadas da população, incluindo as forças armadas, e formar novos e variados tipos de comissões. A classe operária, os trabalhadores e o movimento sindical de massas, o movimento democrático, os movimentos da juventude trabalhadora e estudantil, das mulheres, os camponeses, a intelectualidade, todos têm condições para alargarem ainda mais as suas lutas e reforçarem a legalidade dos seus movimentos e organizações».

ALIAR À LUTA ANTIFASCISTA os patriotas das forças armadas

A existência de um amplo movimento que abrange centenas de oficiais do quadro permanente dos três ramos das forças armadas, assim como a eclosão da sublevação de 16 de Março — afirma-se num dos dois manifestos de Março da Comissão Executiva do PCP — «exprimem a crescente oposição das forças armadas às guerras coloniais e à política do governo de M. Caetano.»

Na «conversa» de 28-3, M. Caetano procurou aparecer «descontraído» numa tentativa de serenar as suas perturbadas hostes e minimizar o significado da sublevação militar que atribuiu à «irreflexão e talvez ingenuidade de alguns oficiais...» afirmou que «nada do que de verdadeiro se passa e que ao público interesse, deixa de ser trazido ao conhecimento dele». Mas escondeu o facto de que na madrugada de 16 de Março ele teve o cuidado de se refugiar no reduto de Monsanto, juntamente com A. Tomaz e outros mais das suas respectivas camarilhas; escondeu que a coluna militar saída das Caldas da Rainha confraternizou com outras forças ao passar por Santarém ou quando se encontrou com outras unidades enviadas para a conter; escondeu que forças da Aviação se recusaram a bombardear a coluna militar, a qual só foi contida às portas de Lisboa e não em Alverca; escondeu que dias antes da sublevação ti-

nam sido presos vários oficiais, entre eles o Ten-coronel Almeida Bruno (condecorado há menos de um ano com a Torre e Espada), o major Monge, os capitães Vitor Alves, Vasco Lourenço, Pinto Soares e que outros oficiais foram deportados ou transferidos para os Açores, Madeira e Trás-os-Montes.

O movimento de oficiais, a sublevação de 16 de Março, a prisão, deportação ou transferência de duas centenas de soldados e oficiais, assim como as demissões dos generais Costa Gomes, António Spínola, Amaro Romão e contra-almirante António Bagulho — tudo isto é o resultado da luta popular e do acentuado aprofundamento da crise do regime, crise que se estendeu às forças armadas.

A oposição à guerra e à política do governo de M. Caetano penetrou nos vários escalões das forças armadas, e o regime já não pode hoje contar com o seu apoio incondicional.

Num documento emanado do «movimento dos oficiais» sublinha-se:

«Entendemos necessários, como condição primeira de solução do problema africano, da crise das Forças Armadas e da crise geral do País, que o poder político detenha o máximo de legitimidade, que as suas instituições sejam efectivamente representativas das aspirações e interesses do Povo. Por outras palavras: sem

democratização do País não é possível pensar em qualquer solução válida para os gravíssimos problemas que se abatem sobre nós.»

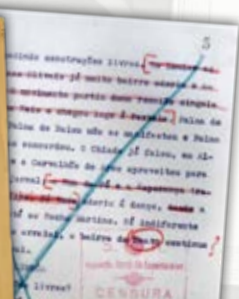
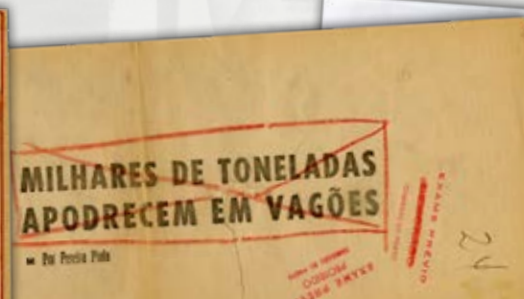
Desta conclusão decorre a importante e urgente tarefa de incorporar e associar à luta antifascista do povo português os soldados e marinheiros, os sargentos e oficiais honestos, todos os verdadeiros patriotas das forças armadas (incluindo os homens honestos da PSP, GNR, e GF), formando um poderoso exército político que porá fim às guerras coloniais, derrubará a ditadura fascista e conquistará as liberdades democráticas.

A formação de mais e mais comités unitários antifascistas, em todos os quartéis e barcos, no país e nas colónias, comités de soldados e marinheiros, de sargentos, de oficiais do quadro e milicianos, é uma importante tarefa que se coloca a todos os comunistas e democratas.

A luta pelo fim das guerras coloniais e o regresso das forças armadas ao país, a luta pelas liberdades democráticas, pela libertação imediata de todos os presos, pela Amnistia, pela cessação das torturas e a dissolução da PIDE-DGS, a luta por melhores condições de vida e contra o poder dos monopólios e a submissão ao imperialismo, são tarefas que se colocam a todo o povo e a todos os homens honestos das forças armadas.

Avante!. Abril, 1974
Último número clandestino.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

PORTUGAL'S SALAZAR, DEAN OF DICTATORS
The first museum, first book ever, regarding politics in 1974.

ME
NEWSMAGAZINE



2

EXAME PRÉVIO PROIBIDO COMISSÃO DO PORTO

EXAME PRÉVIO PROIBIDO COMISSÃO DO PORTO

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DO PORTO

CONVOTÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA de 8 de Março de 1974
2.ª SESSÃO

A requerimento da Direcção e usando da competência que me confere o art.º 43.º dos Estatutos, convoco a 2.ª Sessão da Assembleia Geral Extraordinária deste Organismo para o dia 25 de Abril próximo, pelas 21,00 horas, no Salão da F.N.A.T., sito à Praça da Batalha, n.º 32, desta cidade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Análise da necessidade de revisão das retribuições mínimas do Contrato Colectivo de Trabalho.

Se à hora marcada não comparecer número legal de Sócios, funcionará a Assembleia meia hora depois, com qualquer número.

PORTO e Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto, 22 de Abril de 1974.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, em exercício

Rui Pinto de Sousa

JORNAL DE NOTÍCIAS

ANO 86.º = N.º 320

23 = ABRIL = 1974



EXAME PRÉVIO PROIBIDO COMISSÃO DO PORTO

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DO PORTO

CONVOTÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA de 8 de Março de 1974
2.ª SESSÃO

A requerimento da Direcção e usando da competência que me confere o art.º 43.º dos Estatutos, convoco a 2.ª Sessão da Assembleia Geral Extraordinária deste Organismo para o dia 25 de Abril próximo, pelas 21,00 horas, no Salão da F.N.A.T., sito à Praça da Batalha, n.º 32, desta cidade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Análise da necessidade de revisão das retribuições mínimas do Contrato Colectivo de Trabalho.

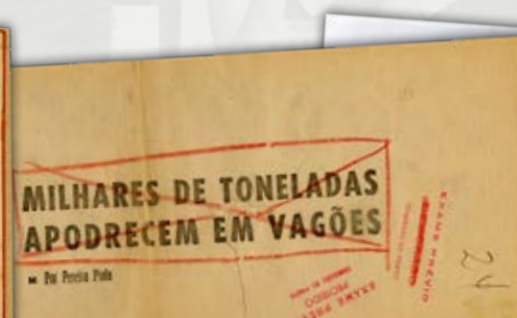
Se à hora marcada não comparecer número legal de Sócios, funcionará a Assembleia meia hora depois, com qualquer número.

PORTO e Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto, 22 de Abril de 1974.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, em exercício

Rui Pinto de Sousa

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU DA IMPRENSA

Jornal de Notícias. Porto, 1974
Prova de página do nº 320, de 23/04/1974, com a convocatória para a Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto, cortada pelo Exame Prévio.

voz africana

EXTRA

Órgão e propriedade da Voz Africana de Moçambique e Sefala — Director: José António da Trindade — Redacção, Rua Correia de Brito n.º 1535 C. P. 64 Beira Camp. e Imp. na Tipografia da Companhia Editora de Moçambique — Ano XXXI II Série — N.º 303 — Sexta-feira, 16 de Fevereiro de 1968 — Preço — 250 R

O "DIÁRIO DE MOÇAMBIQUE" FOI SUSPENSO PELO GOVERNO POR TRINTA DIAS

O nosso colega «Diário de Moçambique» foi ontem notificado de que fica suspenso por trinta dias, através do mandado que se transcreve:

«Estanislau António Cabanelas da Costa, administrador do Concelho da Beira,

mandando a um dos oficiais de diligência da Administração que vendo este por mim assinado e com seu cumprimento, notifique o Sr. Director do «Diário de Moçambique», residente nesta cidade na Rua Correia de Brito:

para todo o conteúdo da nota n.º 24-C-68 de 15 do corrente, da Comissão de Censura à Imprensa da Beira, que a seguir se transcreve:

I. Solicito e muito agradeço a V. Ex.ª se digne notificar o Director do Jornal «Diário de Moçambique», Dr. João Lourenço Mesquita, de que, por

Despacho do dia 14 do mês de Fevereiro corrente, do Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral da Província de Moçambique, no exercício das funções governativas, fica suspenso, nos termos do artigo 70.º do Decreto n.º 27 495, de 27 de Janeiro de 1937, o referido Jornal, por 30 (trinta dias) a contar do dia da notificação, por ter publicado, no seu n.º 6 167, de 7 do corrente mês, o artigo sob a epígrafe «AUTOMÓVEIS ROUBADOS», sem que o tivesse submetido previamente à apreciação da Comissão de Censura à Imprensa da Beira, infringindo, assim, e mais uma vez, os interesses protegidos pelo ordenamento do já mencionado Decreto.

Sob as penas da lei, faltando. Cumpra-se. Beira 15 de Fevereiro de 1968.



Mesem, terramente, esforça-se em uma freguesia simbolizando trabalho — eis o que é objectivo do reporter captivo alagado na Cidade. O trabalho, consciente do seu trabalho, um homem, como todos, outros, expendendo esforço — luta pela vida.

RECOMEÇARAM OS BOMBARDEAMENTOS de KHE SANH

SANGAI. 11 — Os bombardeamentos de Khe Sanh reconhecem. Oito aviões e oito carros de combate e foguetes caíram sobre as posições dos lacustres americanos. Três de entre eles foram mortos e dezasseis feridos.

Per outro lado, no sul de Da Nang, os lacustres esboçaram um novo movimento com as forças terrestres americanas que operam sobre a grande base americana e a capital da provincia de Binh An, a 20 Km ao sul. Foram mortos dezasseis vietcongs. Os lacustres tiveram sete mortos e quinze feridos.

Ordem de batalha, os vietcongs bombardearam Vi Thuan, capital da provincia de Quang Thuan, no Delta, a 129 Km a sudoeste de Saigão. — F. P.

HANOI DEU A CONHECER, CLARAMENTE, A SUA POSIÇÃO QUANTO A ARRETERA DE NEGOCIAÇÕES

MOSCOVO. 10 — Os dados

FORTE TREVADA no Chimoio provoca interrupção telefónica com a Beira

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

VILA PEREY. 15 — Pelo telefone — Em virtude da forte trevada que se fez sentir nesta localidade durante a tarde de hoje, estiveram interrompidas as comunicações telefónicas com a Beira.

A avaria, que foi de morte, da rede eléctrica de uma hora a normalizou.

A CASTANHA DE CAJU na base de uma reunião em Lourenço Marques

(DA NOSSA DELEGACAO) NAMPULA. 15 — Via telegráfica — Durante a sessão desta tarde para Lourenço Marques, vários assuntos ligados ao comércio de castanhas de caju, que ali são os seus pontos de trabalho, foram discutidos e aprovados o plano de acção da Província.

As actividades sindicais que se desenvolvem a capital, procedem de António Rosa, Nampula e Maputo.

A CHINA ameaça OS ESTADOS UNIDOS

HONGKONG. 15 — Os Estados Unidos também levam a guerra ao comércio chinês e para a China lutar contra o seu comércio.

Esta situação é discutida no jornal «China News» publicado em Hong Kong, que cita os comentários de «Quotidian da Press» e «Quotidian» e «Diário de Libertação».

«O jornal chinês fez referir os seus propósitos de guerra — prossegue a agência, citando o jornal — «A queda deste comércio é uma punição para os militares americanos e os seus propositos e constitui um apoio aos nossos irmãos vietnamitas que combatem os agressores americanos».

COMPANHIA EDITORA DE MOÇAMBIQUE, S. A. R. L.

A Companhia Editora de Moçambique, S. A. R. L. comunica que se encontra suspenso o jornal «Diário de Moçambique», por trinta dias, voltando a publicar-se no dia 17 de Março.

Quanto aos interesses dos assinantes, informa:

- que os valores pagos serão considerados devidamente no prosseguimento das suas assinaturas;
- que o brinde referente a Janeiro — uma ge-

leira no valor de 9 contos — será sorteado na terça-feira, dia 20, às 14.30 horas, como estava previsto; e que o resultado deve ser publicado na edição da «Voz Africana» do dia 22;

Aos leitores em geral informa que o sorteio das «Férias na Metrópole» terá lugar amanhã, sábado, às 15 horas, na sede da Companhia, conforme estava anunciado; o resultado dar-se-á a conveniente publicidade.

FULMINADO POR UMA FAISCA EM VILA PEREY

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

VILA PEREY. 15 — Pelo telefone — Durante hoje um acidente de fulminação, tendo-se consumado um que se dirigia para o trabalho, se foi fulminado por uma faísca, a cerca de 200 metros da cidade fabrical.

A vítima, de nome Alberto Duarte Duarte, de 18 anos de idade, natural do Chimoio, seguiu com dois companheiros que, no momento da descarga, foram violentamente atingidos no chão.

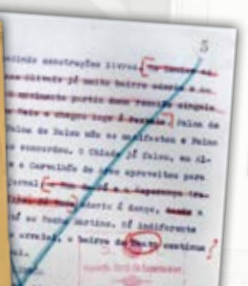
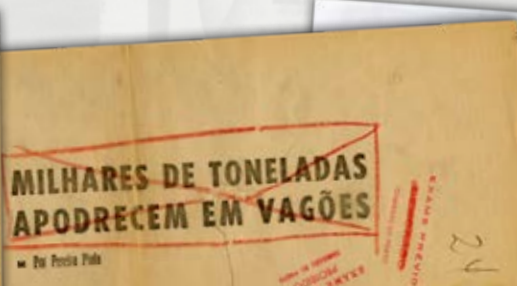
Estes, quando constataram o que se passou, correram desapercebidos para a fábrica.

No pouco tempo sobrevieram da fábrica as primeiras ambulâncias. Chegadas as ambulâncias, foram providenciada a remoção do corpo para o morgue.

Voz Africana. 1968

Número extra de 16/02/1968, com destaque, na primeira página, para a suspensão do "Diário de Moçambique". O jornal foi suspenso por ter relatado os incidentes ocorridos no Norte da província, de que resultou a morte de um militar.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

PORTUGAL'S SALAZAR, DEAN OF DICTATORS



Estranho!

Dirijamos a proa para o Rio de é bonita esta costa; que multido infinita navegação de barcos dife tintamente o «Gigante deitado», montanhas que justificam aquele o «Pão de Açúcar», e logo a ci estende pela ampla baía, mirando irmã mais nova, a «Praia Grande».

Índices ultrapassados VIDA CARA!

Dirijamos a proa para o Rio de Janeiro. Vede como é bonita esta costa; que multido de pequenas ilhas; que infinita navegação de barcos diferentes. Já se avista distintamente o «Gigante deitado», caprichoso agregado de montanhas que justificam aquele nome; a seus pés está o «Pão de Açúcar», e logo a cidade de S. Sebastião se estende pela ampla baía, mirando do outro lado sua irmã mais nova, a «Praia Grande», hoje «Niterói».

Dirijamos a proa para o Rio de Janeiro. Vede como é bonita esta costa; que multido de pequenas ilhas; que infinita navegação de barcos diferentes. Já se avista distintamente o «Gigante deitado», caprichoso agregado de montanhas que justificam aquele nome; a seus pés está o «Pão de Açúcar», e logo a cidade de S. Sebastião se

artigos disseminados pelos anteriores volumes. Voltar-me-ei para as reminiscências, quase todas saudosas, que conservo da minha estada por duas vezes (um total de oito meses) no Rio de Janeiro, e de uma excursão que fiz a Santos, na provincia de S. Paulo.

Os nossos compatriotas estabelecidos no império

Menos velocidade... ...mais mortos



A Guiné Portuguesa exportável quase toda por oleaginosas sensível às influências diárias. Ainda que a produção portuguesa, oleaginosas da Colômbia essas influências, a produção não pode dissociar-se

minha estada por duas vezes (um total de oito meses) no Rio de Janeiro, e de uma excursão que fiz a Santos, na provincia de S. Paulo.

Os nossos compatriotas estabelecidos no império e os próprios brasileiros de educação esmeram-se em tratar bem os portugueses que demandam aquelas praias. Os convites para jantares, para passeios, para bailes sucediam-se quase sem solução de continuidade. Também os oficiais de fragata emprenderam dar um sarau às amáveis fluminenses e aos obsequiadores cavalheiros do Rio; e levou-se o projecto a efeito com o possível esplendor.

1 (como nunca conosco pela circunstância de milhões de o número que a nossa grande podemos deixar de condições

Falta de Água na Grande Lisboa



o «Gigante deitado», caprichoso agregado de montanhas que justificam aquele nome; a seus pés está o «Pão de Açúcar», e logo a cidade de S. Sebastião se estende pela ampla baía, mirando do outro lado sua irmã mais nova, a «Praia Grande», hoje «Niterói».

Deixando à direita a fortaleza de Santa Cruz e à esquerda o forte de S. João, isolado sobre uma laje como o «Penedo» de Angola, tornamos a encontrar muitas ilhas, e os horizontes recortados por gigantescas montanhas, entre as quais destaca pela singularidade da sua pers-

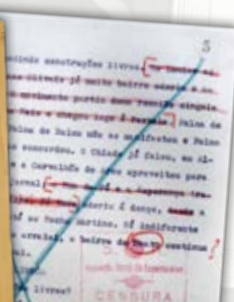
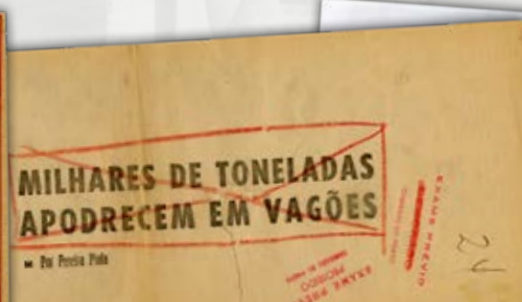
ses) no Rio de Janeiro, e de uma excursão que fiz a Santos, na provincia de S. Paulo.

Os nossos compatriotas estabelecidos no império e os próprios brasileiros de educação esmeram-se em tratar bem os portugueses que demandam aquelas praias. Os convites para jantares, para passeios, para bailes sucediam-se quase sem solução de continuidade. Também os oficiais de fragata emprenderam dar um sarau às amáveis fluminenses e aos obsequiadores cavalheiros do Rio; e levou-se o projecto a efeito

AE, Lisboa, 1973

Número 00 (Dezembro 1973) do projetado semanário "AE" (Actividades Económicas) que pretendia ser um contraponto ao "Expresso". Tinha uma boa sustentação económico-financeira (empresa ligada ao Grupo Torralta), a redação integrava mais de 20 jornalistas, mas o regime de Marcelo Caetano impediu, à última hora, o seu aparecimento. Foi o último grande projeto jornalístico bloqueado pela ditadura.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

PORTUGAL'S SALAZAR, DEAN OF DICTATORS
The first museum, from books, press, reports, photos, etc., in Lisbon.

Fau = 1016
7/7/71
[Handwritten signature]

S. R.
REPUBLICA PORTUGUESA
PROVINCIA DE ANGOLA

DIRECÇÃO GERAL DE SEGURANÇA

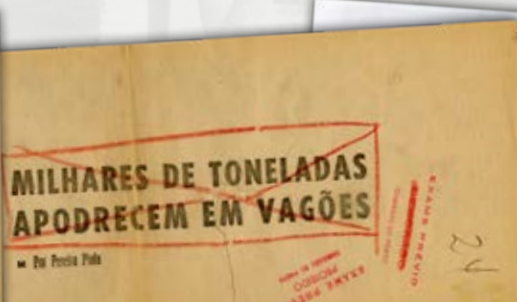
DELEGAÇÃO EM ANGOLA

-----TERMO DE ENTREGA-----
Aos quinze dias do mês de Junho do ano de mil novecentos e setenta e um, nesta cidade de Sá da Bandeira e Livraria "LELLO", estando presentes o gerente, nacional ARNUNDO DA COSTA FERREIRA, ex. João de Freitas Coimbra, agente da Direcção-Geral de Segurança, em cumprimento de determinação superior, procedi à ENTREGA de DEZ exemplares do livro -- "MAR MORTO", da autoria de Jorge Amado, oito dos quais editados por Publicações Europa-América e dois da Livraria Martins Editora-São Paulo, que haviam sido apreendidos na referida Livraria em trinta de Maio de mil novecentos e setenta e um, cuja circulação foi autorizada pela Comissão de Censura, conforme officio número cento e cinco traço setenta e um traço DINT traço terceira secção, de nove de Junho de mil novecentos e setenta e um, da Delegação da Direcção-Geral de Segurança, em Luanda.-----
E para constar se lavrou o presente termo, que vai ser assinado por mim, agente e pelo gerente da Livraria acima mencionada.-----

[Handwritten signature]

Termo de Entrega, datado de 15/06/1971, da Direcção Geral da Segurança da Província de Angola à Livraria Lello (Sá da Bandeira, Angola) de 10 exemplares do livro "Mar Morto" de Jorge Amado, anteriormente apreendidos.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA



DIRECÇÃO-GERAL
DE
SEGURANÇA

S. R.

-9. ABR. 1973

Credito no 214-44.4

22.573

AUTO DE APREENSÃO

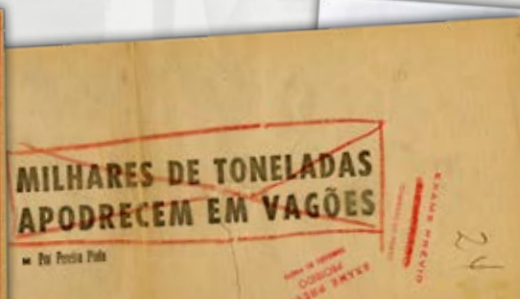
Aos vinte e seis dias do mes de Março de mil novecentos e setenta e três, na cidade de Tomar e na Papelaria "A GRÁFICA", sita na Rua Infantaria quinze número cento e três, eu José Quádrío dos Santos, agente da Direcção-Geral de Segurança, em cumprimento de determinação superior, procedi à apreensão de um exemplar do livro "SITUAÇÕES III" da autoria de Jean-Paul Sartre, publicações Europa-América e oito exemplares da "GRANDE ENCICLOPÉDIA" da autoria de José Vilhena, por se encontrarem proibidos de circular no País, que fiz transportar para o Posto da Direcção-Geral de Segurança em Santarém.

E, para constar, se lavrou o presente auto, que vai ser assinado por mim e por JACINTO NUNES, sócio gerente da citada papelaria.

José Quádrío dos Santos
Jacinto Nunes

Auto de Apreensão da Direcção Geral de Segurança, à papelaria "A Gráfica", na cidade de Tomar, datado de 26/03/1973, com apreensão dos livros "Situações III" de Jean-Paul Sartre e "Grande Enciclopédia" de José Vilhena.

**(Re)Cortes
da Ditadura**



**MUSEU DA
IMPRENSA**

PORTUGAL'S SALAZAR, DEAN OF DICTATORS
The first museum, from Salazar's times, supports policy for the 1.1.11.

POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

COMANDO de Braga

Posto de Barcelos

Arbitrio nº 0022969

AUTO DE APREENSÃO

-----Aos vinte e nove dias do mês de Abril de mil novecentos e sessenta e seis, pelas nove horas e quarenta e cinco minutos, nesta cidade de Barcelos e no estabelecimento de livraria e papeleria denominado "CENTRO COMERCIAL DE BARCELOS", sito na Rua Infante Dom Henrique, onde se achava o proprietário do mesmo, CECILIO CACHADA DE MAGALHÃES, casado, comerciante, residente na Rua Dom António Barroso desta mesma cidade, eu, Luís da Cunha, guarda número cento e vinte e dois, da Polícia de Segurança Pública de Braga e em serviço neste Posto, por ordem superior e de harmonia com o radiograma número cento oitenta e seis do Comando-Geral, de vinte e seis do corrente, transcrito no ofício número seiscentos e sessenta e um traço S.J. de vinte e sete também do corrente, procedi à apreensão do livro (um exemplar) intitulado "A HISTÓRIA-A CIVILIZAÇÃO DESDE AS SUAS ORIGENS".-----

-----E para constar lavrei o presente auto que vai ser assinado pelo referido proprietário e por mim Luís da Cunha, que o dactilografei.-----

O PROPRIETÁRIO

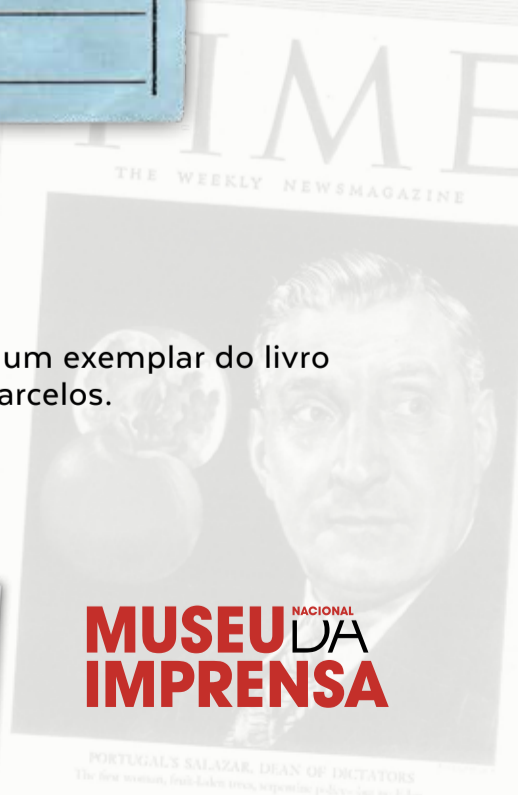
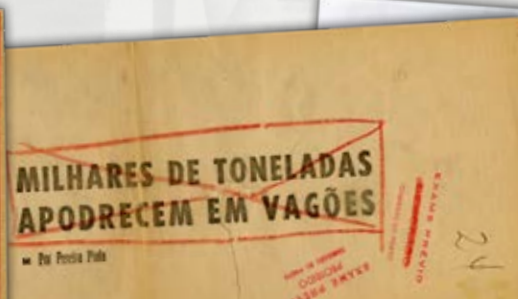
Cecilio Cachada de Magalhães

O APREENSOR

*Luís da Cunha
guarda nº 122/8808*

Auto de Apreensão, da Polícia de Segurança Pública, comando de Braga, no dia 29/04/1966, de um exemplar do livro "A História: a Civilização desde as suas origens", à livraria "Centro Comercial" em Barcelos.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

S. R.

Creditt n.º 2661
JL

**POLÍCIA INTERNACIONAL
E DE DEFESA DO ESTADO
(Subdelegação de Timor)**

----- AUTO DE APREENSÃO -----

Aos dezoito dias do mês de Junho de mil novecentos e sessenta e seis, na Firma "SOTA TIMOR, LIMITADA", sita no Largo de Desidoro, desta cidade de Dili, perante o Gerente, Senhor Manuel António Lourenço Pereira e onde se encontra o Agente, José Manuel Baptista Correia, comigo, António Chambel Calado, Agente, servindo de escrivão, ambos da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, no cumprimento de ordem superior, foi apreendido o seguinte: -----

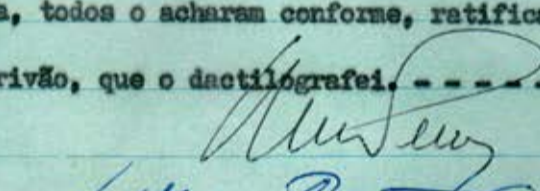
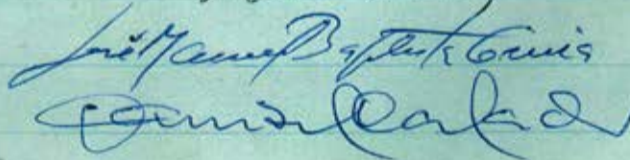
--- UM livro, intitulado, "CORRE, COELHO", da autoria de John Updike e editado por "PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA"; -----

--- TRES livros, intitulados, "A VELHICE DO PADRE ETERNO", da autoria de Guerra Junqueiro e editado por "LELLO & IRMÃO - EDITORES";

--- TRES livros, intitulados, "CRITICA DE CIRCUNSTANCIA", da autoria de Luiz Pacheco, editado por "EDITORA ULISSEIA", -----

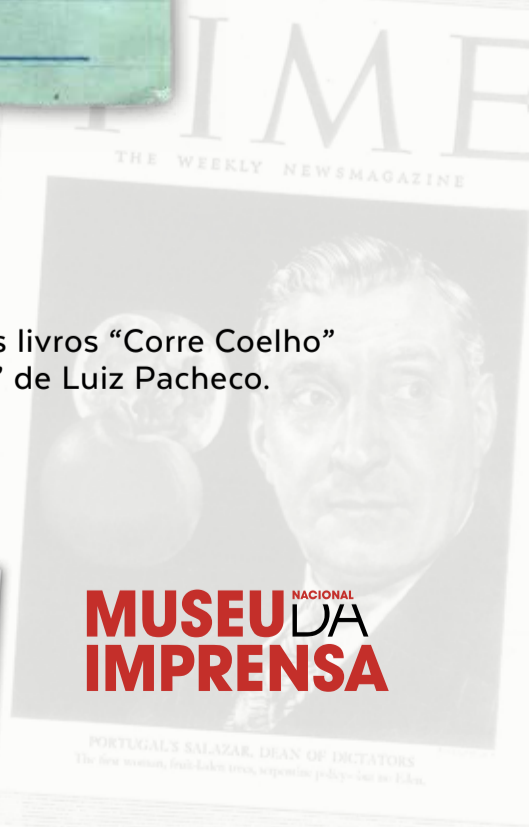
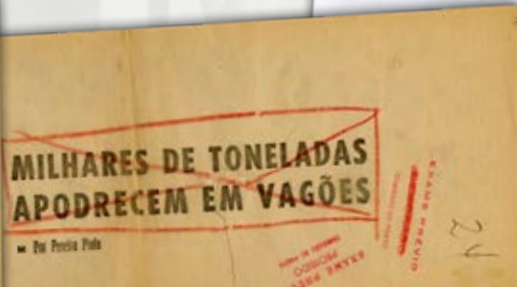
que ele, Agente, ordenou fossem remetidos para a Subdelegação desta Polícia, nesta cidade. -----

E, para constar, se lavrou o presente auto que, depois de lido em voz alta, todos o acharam conforme, ratificaram e vão assinar, comigo, escrivão, que o dactilografar.

Auto de Apreensão na firma "Sota Timor Limitada", em Dili, durante a qual foram apreendidos os livros "Corre Coelho" de John Updike, "A Velhice do Padre Eterno" de Guerra Junqueiro e "Crítica de Circunstância" de Luiz Pacheco.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

DESTE MUNDO E DO OUTRO

VIAJAR PARA COMPARTICIPAR ?

POR terras de Trás-os-Montes, a recente passagem do ministro das Obras Públicas fez cair, sem exageração, uma verdadeira chuva de escudos, distribuída em forma de participações. Muitos dos problemas do distrito de Vila Real ficaram deste modo resolvidos ou encontraram, através do excelente veículo que é sempre o dinheiro, o melhor caminho para a solução. Congratulemo-nos todos, congratulem-se os transmontanos em particular.

Esta visita veio assim juntar-se a outras que nos últimos tempos se têm verificado, durante as quais os membros do Governo, não obstante as constantemente apregoa-

das dificuldades de dinheiro, se derramam em subsídios, concedidos com um avontade de país rico que, por mais que gaste, não verá nunca o fundo ao cofre. E ainda bem (repito) que as vozes dos reclamantes passaram a encontrar ouvidos que as ouçam — e algibeiras que as satisfaçam.

O método usado, porém, para além dos seus inegáveis resultados práticos, veste-se 1.º um certo carácter sensacionalista (não me atreveria a chamar-lhe publicitário) que envolve alguns riscos, o maior dos quais será o de suporem ingenuamente as populações que bastará uma visita ministerial (melhor dizendo, uma visita anual de

cada ministro) para que os seus problemas encontrem fácil e imediato remédio. Se assim pudesse ser, bom se diria que os distritos da Metrópole levariam todo o ano em

OSÉ SARAMAGO

feira, porque não se passaria um mês sem que um membro do Governo ali fosse, munido de carta-branca em matéria financeira.

Uma questão deve pôr-se, no entanto, para que possamos ver claro na circunstância. E vem ela a ser a se-

guinte: os subsídios e participações são concedidos porque o ministro se desloca, ou desloca-se o ministro para conceder esses subsídios e essas participações? Se a resposta afirmativa contempla o primeiro termo da alternativa — então as diferentes regiões do País não têm mais do que, por todos os meios possíveis, chamar a si quem tão pródigo está autorizado a mostrar-se, no dispor dos dinheiros públicos. Mas se, pelo contrário, como é infinitamente mais provável, os ministros se deslocam para despachar processos já organizados pelos técnicos e serviços competentes — não se compreende muito bem porque não poderiam esses despachos

(que entram nas atribuições correntes de qualquer membro do Governo) ser dados na discrição dos gabinetes, sem alarde, mas com economia de tempo. A não ser que se procure juntar, não diremos o útil ao agradável, mas duas utilidades, a social e a política. Se este for o objetivo, presumimos que esteja sendo alcançado.

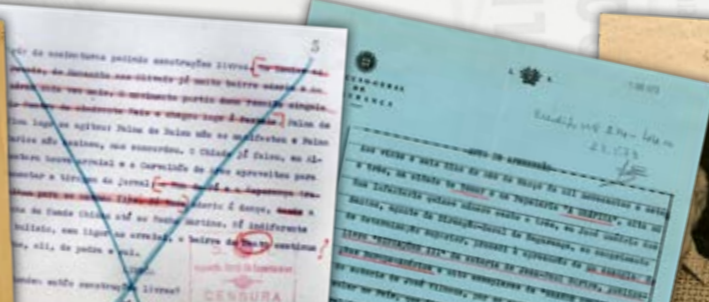
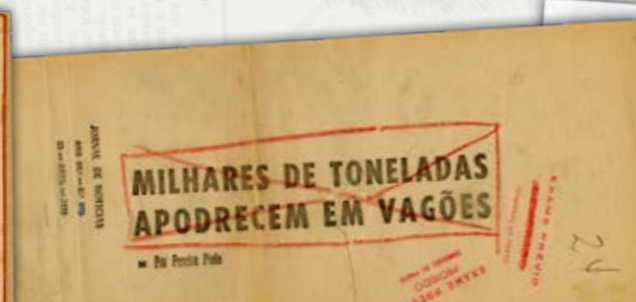
Vem agora a propósito recordar que entre os problemas apresentados ao ministro das Obras Públicas esteve o da beneficiação eléctrica de Vidago, uma estância de turismo que, não obstante as exigências próprias dessa sua mesma qualidade, oferece durante a noite um aspecto desolador a quem lá vive e a

quem lá vai. Ora, dos 2300 contos que o ministro deixou no concelho de Chaves, em participações várias, caberá certamente a Vidago o suficiente para andar de noite às claras, daqui por diante.

Verdade seja que a povoação começou já a antegozar os novos tempos que se aproximam, pois, segundo confidenciou o próprio presidente da Câmara, foi reforçada provisoriamente a iluminação daquela estância termal antes da chegada do ministro das Obras Públicas... Assim se recebem as visitas de estima e de importância: vestem-se as roupas de domingo, melhora-se a iluminação, limpa-se cuidadosamente a fachada...

Jornal do Fundão. Fundão, 1972
Texto censurado de José Saramago.

(Re)Cortes
da Ditadura



MUSEU NACIONAL
DA IMPRENSA

A CASA DE BERNARDA ALBA

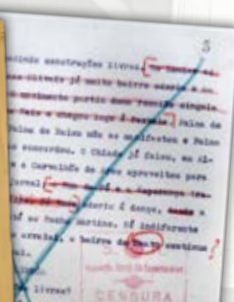
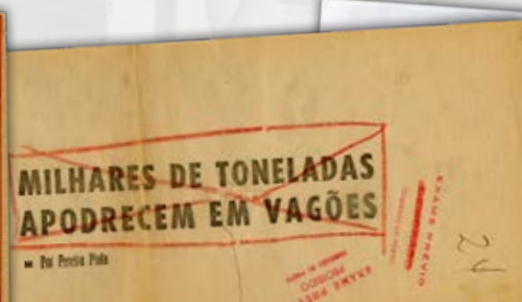
FEDERICO GARCIA LORCA



TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO

Cartaz proibido da peça "A Casa de Bernarda Alba" de Federico Garcia Lorca.

(Re)Cortes
da **Ditadura**



MUSEU DA IMPRENSA

PORTUGAL'S SALAZAR, DEAN OF DICTATORS
The first woman, first lady, first, superior lady, the first...

S. R.
PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

SERVIÇOS DE CONTENCIOS
 Entrada em 6./10./64
 sob o n.º 1857

AUTO DE NOTÍCIA

Aos três - - - dias do mês de Outubro - - - do ano
 de mil novecentos e sessenta e quatro pelas onze horas
 e minutos, na freguesia de São José
 concelho de Lisboa
 e na Inspeção dos Espectáculos - - -

situada na Calçada da Glória, numero nove,
 em ANTONIO AUGUSTO BETTEN-
 COURT LOPES, agente-fiscal da Inspeção dos Espectáculos. - - -

autuei FRANCISCO ANTONIO DE VASCONCELOS NICHOLSON - - -

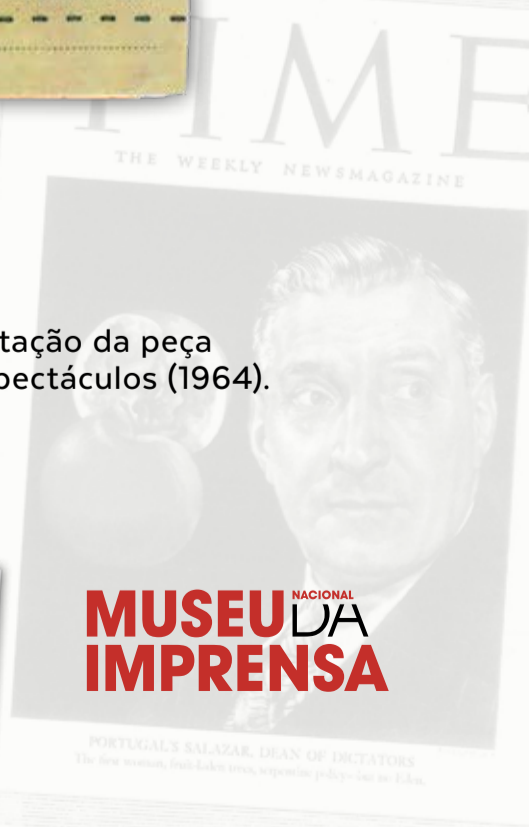
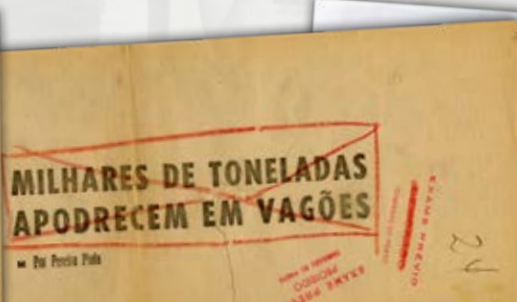
de vinte e seis - anos de idade, estado solteiro
 de profissão artista dramático -
 filho de Jonh Francis Nicholson -
 e de Maria Alice de Vasconcelos Marques Nicholson -
 natural de Lisboa -
 morador Alameda Don Afonso Henriques, 54-1º.
 Dt.º - Lisboa. - -

por haver infringido as disposições do 2º do artº. 35º do Decreto-lei nº. 42 660 e
 2º do artº. 63º do Decreto nº. 42 661, de 20/11/1959. -

porquanto: No dia um do mês e ano correntes, por cerca das vinte e uma horas e
 quinze minutos, ao assistir ao espectáculo da revista "Férias em Lisboa",
 no Teatro Monumental, em Lisboa, verifiquei que o autuado no desempenho
 do papel de Malaquias no quadro "Comboios aos Solavancos", proferiu falas
 suprimidas pela Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos, ou
 seja a fala conhecida pela "da groupa" e outras falas não constantes do
 texto examinado, como referente ao "amigo do Cartaxo", o que constitui in-
 fracção às disposições citadas. - - -

Notificação e Auto de Notícia ao actor Francisco Nicholson por ter proferido, na representação da peça "Comboios aos Solavancos", falas suprimidas pela Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos (1964).

(Re)Cortes da Ditadura



O COMÉRCIO DE GAIA

Director - João Maria

"O Comércio de Gaia"

Assinatura:

Continente, Colónia e Espanha

ANO (52 n.º)..... 2500

SEM. (28 n.º)..... 1300

AVULSO..... 750

PROPRIETARIO: JOÃO VILARANDELO MORAIS ■ RED., ADMIN. E OFIC.: RUA JOAQUIM NICOLAU DE ALMEIDA - V. N. DE GAIA ■ EDITOR: JOSÉ V. MORAIS

A prova está tirada o resto... sabem-no eles

pele Dr. PÉREIRA JÚNIOR

O caso é simples, e não há sofismas, berros, injúrias, cartazes arrepiantes, discursos minazes que o compliquem e escureçam. As palavras do Chefe do Governo fizeram acreditar na possibilidade de umas eleições livres, em que a vontade da Nação de facto livremente se exprimisse. E gente nova, rica de idéias, sóbria de palavras, forte de vontade, isenta de culpas, pôs com clareza e lealdade o problema.

Eleições livres, só poderiam fazer-se com novos recenseamentos e as indispensáveis liberdades de organização e propagação, num ambiente de confiança em que ninguém se sentisse ameaçado e de que ninguém fosse ilegítimamente excluído.

O Poder detinha, há vinte anos, o inteiro domínio do país. Só ele distribuía as graças que criam adeptos e dispunha da força que cria receios. Só a sua opinião podia correr, só da sua virtude podia falar-se, só os seus grandes e continuos triunfos podiam festejar-se. E, só um Partido, o seu Partido, podia viver, ter os seus centros, as suas comissões, as suas assembleias, os seus jornais, a sua propaganda sem contradição.

Era um Poder total, um domínio total. Ao cabo destes vinte anos de silêncio forçado e de forçada inação, diziam os seus servidores mais entusiastas que a democracia era entre nós um mito desfeito, uma mentira coordenada, uma força vencida; que sob a invocação de outros princípios a unidade nacional se fizera, e tão forte e perfeita que já nenhum outro poder seria capaz de quebrá-la; que o país estava rendido de gratidão por tudo quanto, em seu benefício, tão liberalmente se fizera, e em sua defesa acudira, unânime e vingador, se ligou contra esse poder atentasse.

Tinha então o poder, por tudo quanto afirmava, e os seus nas só poderia sair a ratificação destas certezas, que o tranquilizavam.

Pedi-se-lhe então, em termos simples, esta coisa simples: que essa competição se fizesse, com liberdade e dignidade, dando-se aos adversários o ensino de nela entrarem com os mesmos direitos que ele materialmente se atribuía, embora sem as vantagens de que ele materialmente dispunha, e neste longo correr de vinte anos vinha amesalhando.

Esses adversários tinham, apenas, a sua fé nos princípios a que permaneciam fiéis; e na força que só deles lhes vinha. Tinham a sua palavra, de que queriam poder usar, a sua pena de que queriam poder servir-se, a sua vontade que na construção da campanha queriam poder empregar, dentro da lei e dentro da ordem.

Nada tinham para dar, nada podiam prometer, só responsabilidades ou sofrimentos novos podiam impor aos que os seguissem; e queriam unicamente, organizar-se para a defesa dos seus direitos.

(Continua na página 8)

PODER

sem jactâncias de grandeza

por J. SOARES LOPES

O Poder não existe! O Poder não é um varapau! — proclamou, há dias, na sessão democrática operária do Odeon, o sr. dr. Santos Silva. Esta afirmação levanta, magnificamente, a questão política, que, hoje, se debate em Penedral.

O Poder não existe! O Poder não é um varapau! — Estas duas frases, em que há alguma sutileza e um pronunciado vigor de expressão, consubstanciam o problema da política, tal como se apresenta em Portugal, entre um processo de governo, que se arrastou, dolorosamente, durante vinte anos, e uma filosofia política que viveu na sombra, entre o heroísmo e a sufocação.

A expressão é vigorosa, o conceito é profundo. Denuncia uma atitude política ante outra atitude; põe uma filosofia ante um processo; por via dele, insinua-se a perda, até no campo da própria filosofia política, naquilo em que o génio nacional poderia para

ela contribuir; o processo poderia ter abalado tudo e afogado tudo; mas não o fez, porque a própria autonomia entre a filosofia política e o processo surge agora nestas expressões fortes e subtils: O Poder não existe!

O Poder, efectivamente, não existe? Não, de facto, não existe...

Não existe o Poder com P. grande, como realidade viva e concreta das instituições políticas que sejam instituições políticas de sociedades civilizadas. A Democracia aspira a estabelecer sociedades civilizadas — digam o que disserem os seus detractores. O P. grande, que dá ao Poder uma expressão peculiar, é uma existência que ele não possui, é o resultado desta coisa singular: dum símbolo, indefinido e indefinível, nasce uma realidade concreta, como fosse capaz de ter vida própria.

(Continua na página 3)

O COFRE DE MADAME HUBBERT

pele Dr. APEL SALAZAR

O leitor naturalmente se recorda de Mme Humbert em tempos, o seu momento de celebridade, e quasi a depenando Paris e mesmo a França. Eis o caso.

Mme Humbert, que era arguta e conhecia os homens e era dotada de imaginação, não pôde de resignar-se à mediocridade da sua vida, e tendo ambição, inventou uma famosa história, que deu brado.

Mme Humbert recebeu uma fortuna colossal, a herança dos Crawford. Quem eram estes Crawford? Ninguém sabia, nem

alguém se importava; os milhões tinham, e o homem quando ouvir milhões fica deslumbrado. Pois ficou deslumbrado com os milhões de Crawford; e não pediu mais.

Havia, porém, uma cláusula no testamento: a herança estaria depositada num cofre, o qual só seria aberto em data prescrita. Nada de extraordinário em tudo isto; os Crawford, como muitos milionários, eram um tanto esotéricos, e como tantos outros, eram sujeitos a caprichos. A cláusula era um capricho, e este capricho

dava ainda maior brilho à fascinação dos milhões.

Mme Humbert começou então a viver do cofre, a sacar sobre o cofre.

Uma vida de ostentação e de fausto. Palácio nos Campos Elyseus; equipagens, jóias, toilettes. Paris, deslumbrado, aliaa aos Salões de Mme Humbert. O « Tout Paris » acolovelava-se na sumptuosa residência. Aristocratas de toda a coroa, e da nova, grandes burgueses solenas como parões, banqueiros, embaixadores, príncipes da Igreja, políticos, a mistura com mundanas, condessas e elegantes do mais autêntico « chic ». Cada festa era uma festa, e no esplendor das salas, sob o esplendor das luzes, Paris continuava o seu fútil turbilhão elegante.

Na Opera Mme Humbert triunfava. Todos os binóculos se dirigiam para ela como para a rainha do momento.

Era um delírio, uma orgia. As jóias, as toilettes, aliaam ao Palácio dos Campos Elyseus; Paris inteiro, « emperado », enviava indgo o que tinha de esplendores, de faustos, de requintes, para o famoso Palácio de Mme Humbert. E a rainha, a Praça Vendôme e o Boulevard Haussmann esvaziavam-se das suas riquezas, das suas maravilhas, para chegar ao Palácio faustoso.

Madame jogava nas corridas. Madame tinha cavalos célebres custando fortunas. E os cavalos correndo movimentavam fortunas.

Madame jogava na política. Madame tinha a sua volta, em curva reverente, os grandes trunfos da Política. E à volta dos Políticos, moviam-se fortunas.

(Continua na pag. 3)

(Continua na pag. 3)

OS ESCRITORES AMAM A DEMOCRACIA

por AFONSO EBIHEIRO

quer dicionário, e o governo do povo. Governo do Povo, para o Povo — e pelo Povo. Democracia é a vontade das massas em acção. Democracia é o progresso — e é vitória. Progresso material, cultural e moral — vitória do todo contra a parte, da maioria contra a minoria, do presente sobre o passado.

Do passado vêm-nos as sombras trágicas da Idade Média e da escravidão; essas sombras projectam-se, ainda, sobre a nossa existência. É a sombra torva da reacção dos nossos dias. É uma sombra pesada e opressora, que a reacção procura desesperadamente abater, despedaçando o que de mais profundo e luminoso irrompe do peito dos homens.

Os homens querem ser livres e trilharem todos os caminhos do mundo, os homens querem ir para a Vida de sorriso aberto e alegre, os homens querem confraternizar de coração varrido de médo e angústias. E os homens não podem confraternizar; nem lançar-se nos braços da Vida com confiança e ardor; menos ainda podem abrir os seus caminhos no mundo. Os homens não podem que a reacção não deixa, aos homens roubaram a sua condição humana. E porque os roubaram, os despojaram de tudo isso, que eram os seus mais sacros, mais inalienáveis direitos, aos homens compete a reconquista do que não souberam ou não puderam guardar: a Democracia.

A Democracia é uma conquista. Uma conquista de quê? Da fraternidade sobre a perseguição, da liberdade sobre a violência, da cultura sobre a ignorância, do Homem sobre o terror. Mas do que palavras sonoras ou cânticos embalsamados, a Democracia são actos.

Eis porque a afirmação do tenher Presidente do Conselho — « Os verdadeiros democratas somos nós! — se não reveste de

mar isto não basta — e necessário provar à Nação e ao mundo que de facto eles são os verdadeiros democratas. O que se diz tem pouca importância, quando ao que se diz não corresponde em acções insofismáveis. Mas eles só dizem. E aliás o método usado por todas as ideologias em desagregação. Sem reservas, sem crédito, sem confiança, sem conteúdo que as alimente, sem seivas renovadoras, perdido o contacto com o momento histórico que lhes deu origem e que as

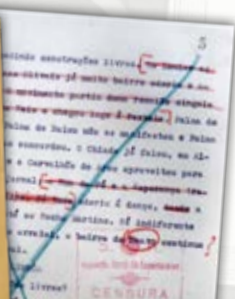
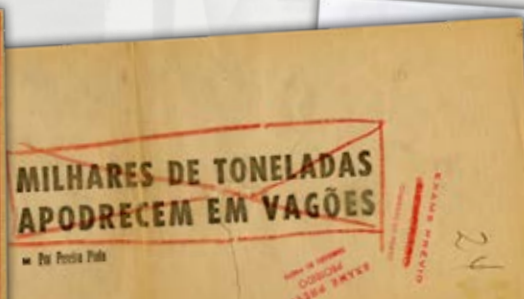


DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE CENSURA

Comércio (O) de Gaia. Vila Nova de Gaia, 1945

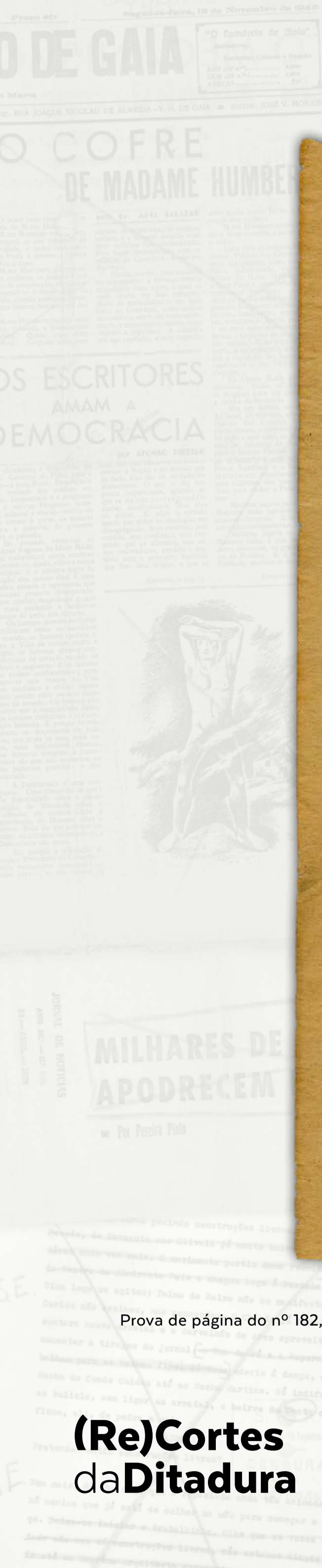
Prova de página do nº 750, de 12/11/1945, com um desenho de Augusto Gomes cortado pelos Serviços de Censura.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU DA IMPRENSA

PORTUGAL'S SALAZAR, DEAN OF DICTATORS



DIRECCAO-GERAL DE SEGURANCA

SERVICIOS DE CENSURA (COMISSAO DO PORTO) VISADO CORTADO DO PORTO

CINE CLUBE DO PORTO CONVOCATÓRIA

Na qualidade de presidente da Mesa da Assembleia Geral e nos termos do Art.º 113.º dos Estatutos, convoco os Associados a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, no dia 11 de Dezembro de 1965, pelas 20 h. 30 m., na Sede do Clube, sita à Rua do Rosário n.º 5-1.º, desta cidade, com a seguinte

ORDEM DA NOITE

- 1.º - Discussão do programa e orçamento para 1966;
- 2.º - Eleições dos corpos gerentes para 1966.

Se à hora marcada a maioria legal dos Associados não comparecer, a sessão realizar-se-á com qualquer número, uma hora depois.

Porto, 1 de Dezembro de 1965.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
HENRIQUE ALVES COSTA

JORNAL DE NOTÍCIAS

Ano 78.º — N.º 182

3 — DEZEMBRO — 1965

Visado pela Censura

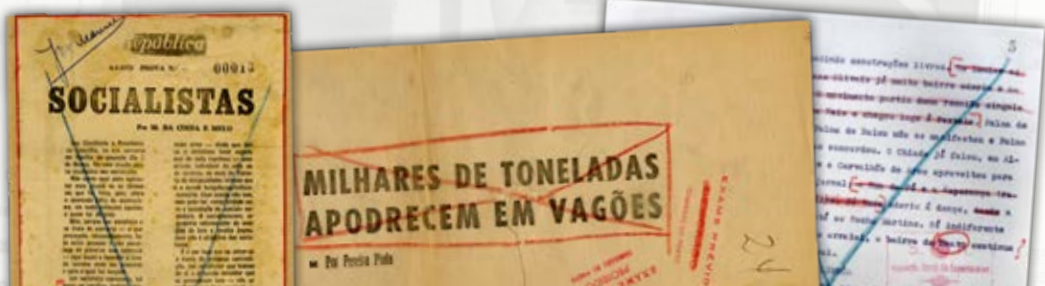
CONVOCATÓRIA DE NATAL «ERA UMA VEZ...»
Este artigo trata das festas de Natal, que sempre foram e sempre serão uma das maiores festas da nossa vida social. É uma festa de família, de amigos, de vizinhos, de todos os que nos rodeiam. É uma festa de alegria, de paz, de fraternidade. É uma festa de esperança, de fé, de amor. É uma festa de gratidão, de reconhecimento, de respeito. É uma festa de união, de solidariedade, de cooperação. É uma festa de vida, de luz, de paz. É uma festa de bem-estar, de felicidade, de contentamento. É uma festa de amor, de carinho, de ternura. É uma festa de respeito, de admiração, de veneração. É uma festa de gratidão, de reconhecimento, de respeito. É uma festa de união, de solidariedade, de cooperação. É uma festa de vida, de luz, de paz. É uma festa de bem-estar, de felicidade, de contentamento. É uma festa de amor, de carinho, de ternura. É uma festa de respeito, de admiração, de veneração.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DO PORTO CONVOTÓRIA
2.ª SESSÃO
A convocatória de 2.ª sessão de convocatória do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto, para o dia 11 de Dezembro de 1965, pelas 20 h. 30 m., na Sede do Sindicato, sita à Rua do Rosário n.º 5-1.º, desta cidade, com a seguinte ordem da noite:
1.º - Discussão do programa e orçamento para 1966;
2.º - Eleições dos corpos gerentes para 1966.
Se à hora marcada a maioria legal dos associados não comparecer, a sessão realizar-se-á com qualquer número, uma hora depois.
Porto, 1 de Dezembro de 1965.
O Presidente do Sindicato,
HENRIQUE ALVES COSTA



Jornal de Notícias. Porto, 1965
Prova de página do nº 182, de 3/12/1965, com a convocatória para uma Assembleia Geral do Cine Clube do Porto, cortada pelos Serviços de Censura.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

O Fado Socialista...

Gente rica e bem vestida
Pra quem a Vida é fagueira.
Olhem qu'existe outra vida
N'Alfama e na Cascalheira!

Tantas joias scintilantes
N tantas pedras raras,
Veludos e sedas caras,
Qu'encantam vossos amantes

O' Senhoras elegantes.
Do Chiado e da Avenida,
Olhem que o Povo que lida,
Não tem pão para comer,
N isto assim não é viver

Gente rica e bem vestida
A tropa de noite e de dia
Protege a vossa riqueza,
São os filhos da pobreza,

Da triste malta sombria,
Don que não tem alegria
que não tem eira nem beira
que vive n'uma canseira

Rôta, faminta, doente,
N vós sois a outra gente
Pra quem a Vida é fagueira.

No meio dos vossos milhões,
Reparem que a terra treme...
Que há muita gente que geme
E há raiva nos corações,

Que ha almas sem ilusões,
Muita revolta contida,
N muita dor encubida,
N não a morte consola!

Olhem que é mentira a escola,
Olhem que exist' outra vida...
Mas na dia não se descer,
Os lobos no povoado...

Temos o calvo entornado,
Vae ser bonito de vêr!
Não verá quem não viver,
O fogo d'essa fogueira.

São a hora derradeira
De quem é feliz agora...

As mãos gente que chora,
N'Alfama e na Cascalheira...

Lx 30-1-927

Ramada Curto

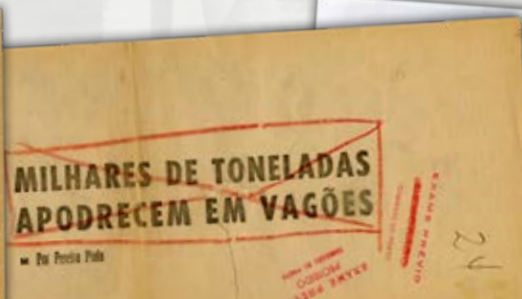
Comissão de Censura
CORTADO

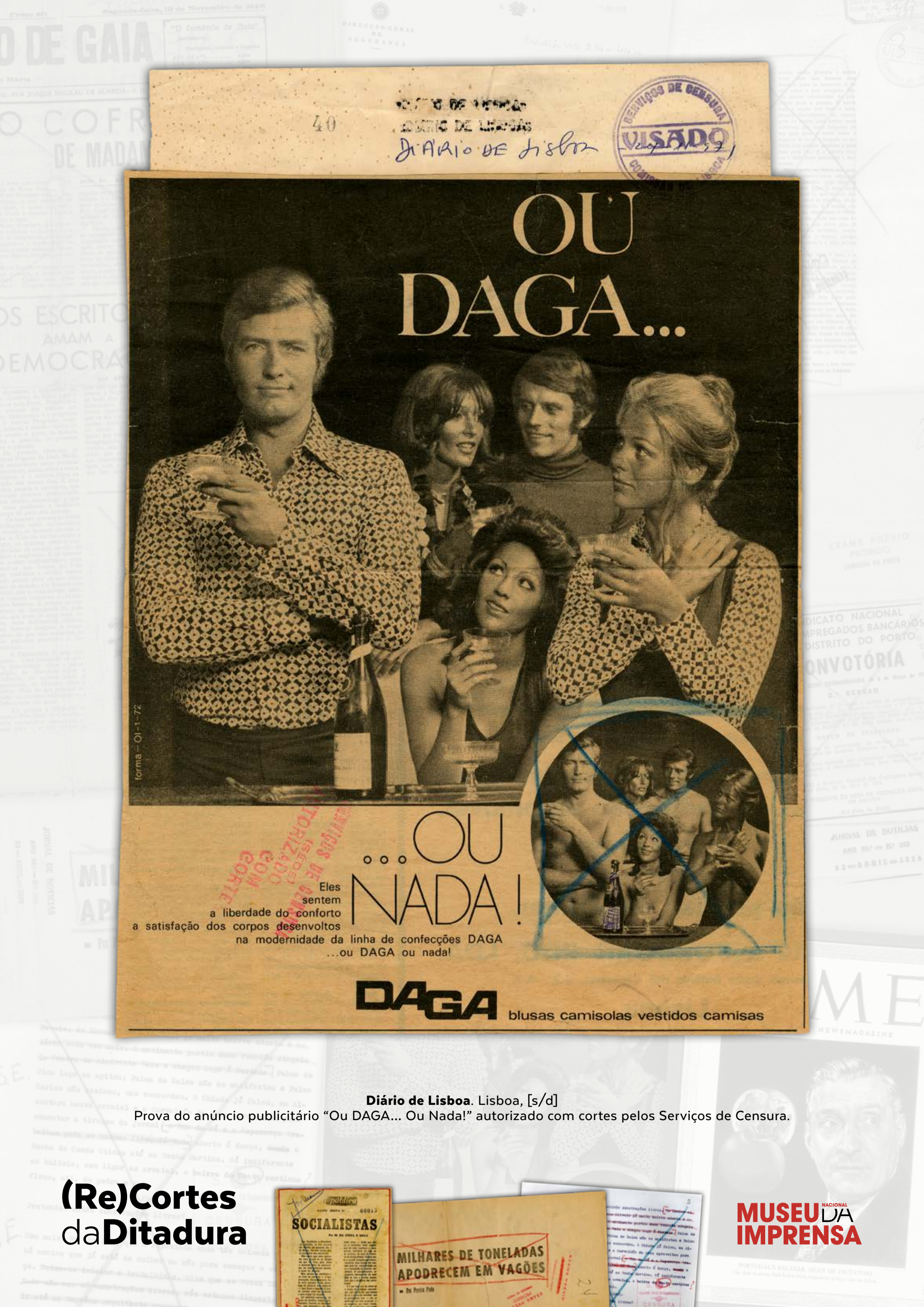
16/9/1964

6336

Texto "O Fado Socialista..." da autoria de Ramada Curto para publicação no jornal "Voz de Moçambique" cortado pela Comissão de Censura de Lourenço Marques, em 16/09/1964.

(Re)Cortes da Ditadura





40
DIÁRIO DE LISBOA
DIÁRIO DE LISBOA
SERVICOS DE CENSURA
VISADO
20/11/72

OU DAGA...



forma - 01 - 1-72

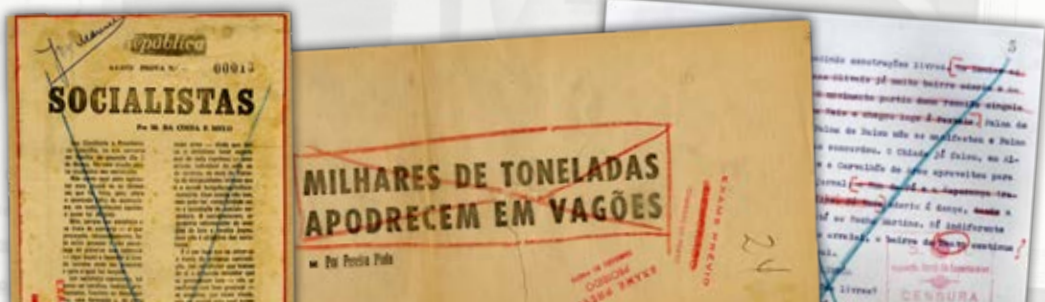


...OU NADA!
Eles sentem a liberdade do conforto a satisfação dos corpos desenvolvidos na modernidade da linha de confecções DAGA ...ou DAGA ou nada!

DAGA blusas camisolas vestidos camisas

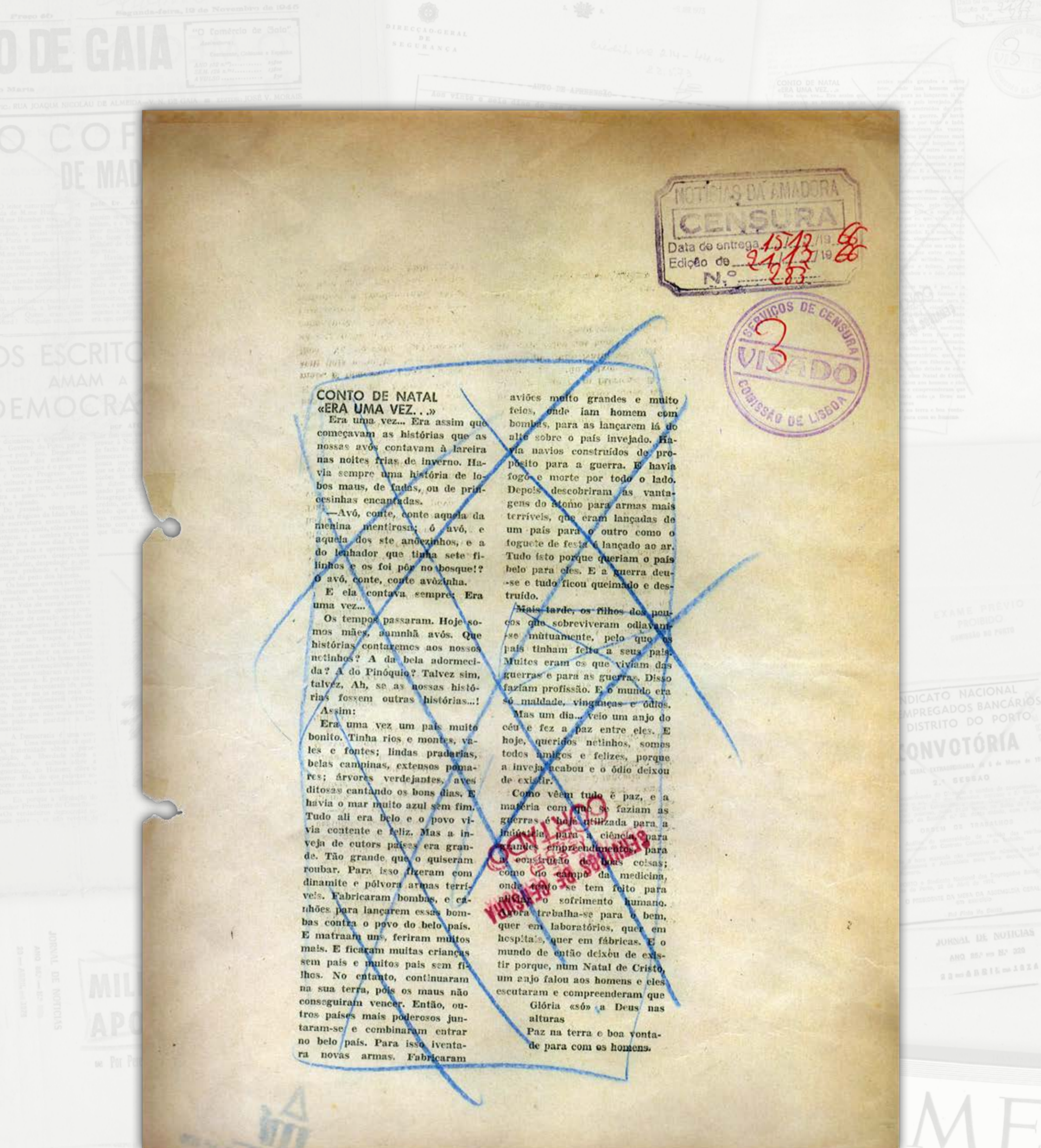
Diário de Lisboa. Lisboa, [s/d]
Prova do anúncio publicitário "Ou DAGA... Ou Nada!" autorizado com cortes pelos Serviços de Censura.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU DA IMPRENSA





CONTO DE NATAL «ERA UMA VEZ...»

Era uma vez... Era assim que começavam as histórias que as nossas avós contavam à lareira nas noites frias de inverno. Havia sempre uma história de lobos maus, de fadas, ou de princesinhas encantadas.

—Avó, conte, conte aquela da menina mentirosa; ó avó, e aquela dos sete anõesinhos, e a do leñador que tinha sete filhinhos e os foi pôr no bosque!?

O avó, conte, conte avózinha.

E ela contava sempre: Era uma vez...

Os tempos passaram. Hoje somos mães, amanhã avós. Que histórias contaremos aos nossos netinhos? A da bela adormecida? A do Pinóquio? Talvez sim, talvez. Ah, se as nossas histórias fossem outras histórias...!

Assim:

Era uma vez um país muito bonito. Tinha rios e montes, vales e fontes; lindas pradarias, belas campinas, extensos pomares; árvores verdejantes, aves ditosas cantando os bons dias. E havia o mar muito azul sem fim. Tudo ali era belo e o povo vivia contente e feliz. Mas a inveja de outros países era grande. Tão grande que o quiseram roubar. Para isso fizeram com dinamite e pólvora armas terríveis. Fabricaram bombas, e cáñhões para lançarem essas bombas contra o povo do belo país. E mataram uns, feriram muitos mais. E ficaram muitas crianças sem pais e muitos pais sem filhos. No entanto, continuaram na sua terra, pois os maus não conseguiram vencer. Então, outros países mais poderosos juntaram-se e combinaram entrar no belo país. Para isso inventaram novas armas. Fabricaram

aviões muito grandes e muito feios, onde iam homem com bombas, para as lançarem lá do alto sobre o país invejado. Havia navios construídos de propósito para a guerra. E havia fogo e morte por todo o lado. Depois descobriram as vantagens do átomo para armas mais terríveis, que eram lançadas de um país para o outro como o foguete de festa é lançado ao ar. Tudo isto porque queriam o país belo para eles. E a guerra deu-se e tudo ficou queimado e destruído.

Mais tarde, os filhos dos poucos que sobreviveram odiavam-se mutuamente, pelo que os pais tinham feito a seus pais. Muitos eram os que viviam das guerras e para as guerras. Disso faziam profissão. E o mundo era só maldade, vinganças e ódios.

Mas um dia... veio um anjo do céu e fez a paz entre eles. E hoje, queridos netinhos, somos todos amigos e felizes, porque a inveja acabou e o ódio deixou de existir.

Como vêm tudo é paz, e a matéria com que se faziam as guerras é hoje utilizada para a indústria, para a ciência, para grandes empreendimentos, para a construção de boas coisas; como no campo da medicina, onde tanto se tem feito para aliviar o sofrimento humano. Agora trabalha-se para o bem, quer em laboratórios, quer em hospitais, quer em fábricas. E o mundo de então deixou de existir porque, num Natal de Cristo, um anjo falou aos homens e eles escutaram e compreenderam que

Glória «só» a Deus nas alturas
Paz na terra e boa vontade para com os homens.

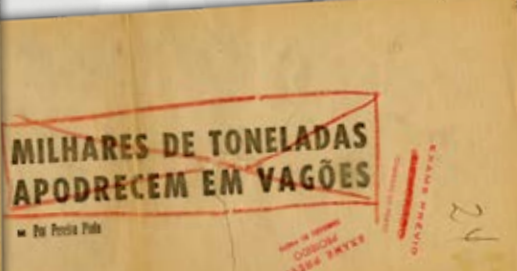
NOTÍCIAS DA AMADORA
CENSURA
Data de entrega 15/12/1966
Edição de 24/12/1966
N.º 283

SERVIÇOS DE CENSURA
3
VISADO
COMISSÃO DE LISBOA

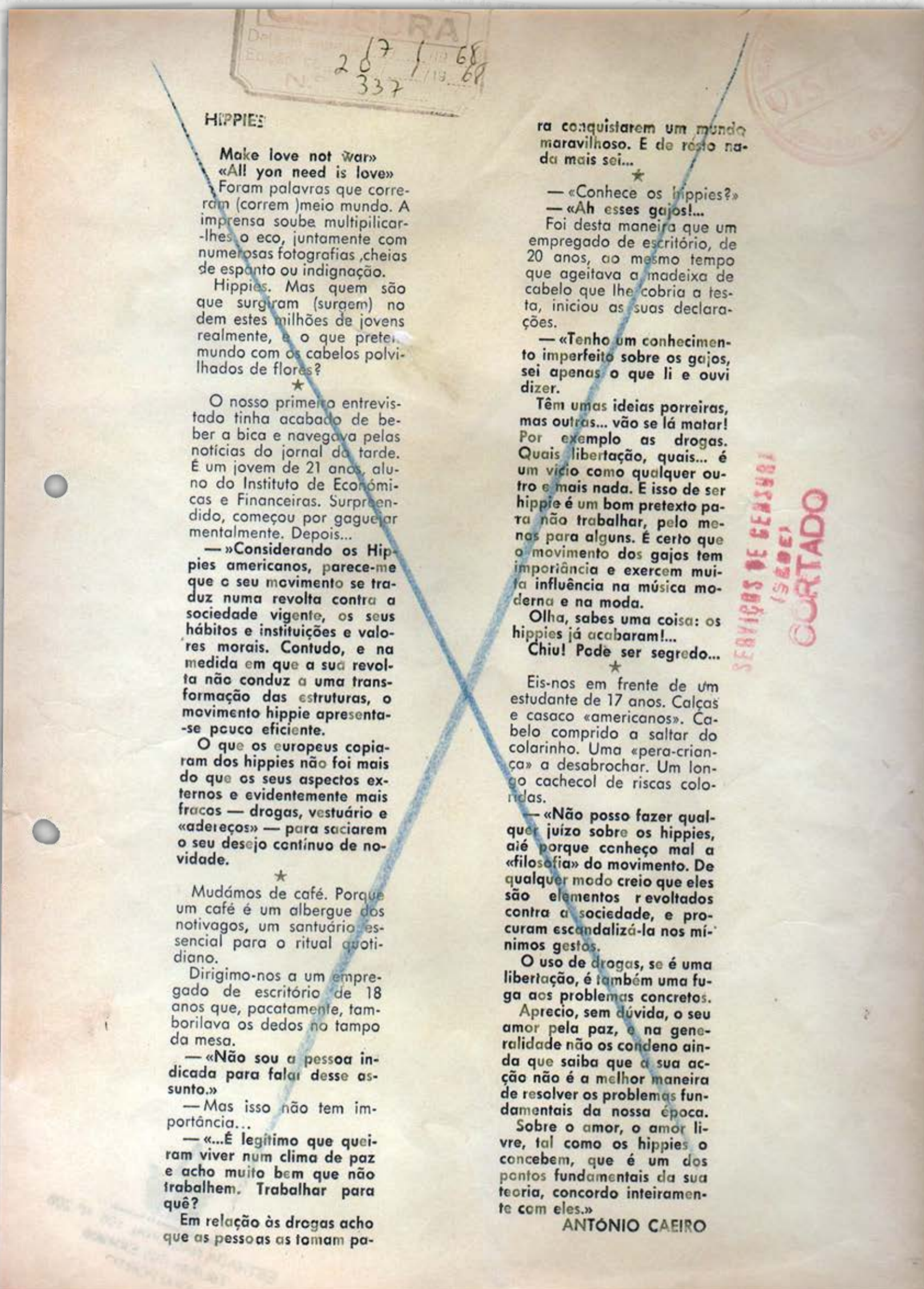
Notícias da Amadora. Amadora, 1966

Prova de página de 15/12/1966, com o texto "Conto de Natal, Era Uma Vez...", cortado pelos Serviços de Censura.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU DA IMPRENSA



HIPPIES

«Make love not war»
«All you need is love»

Foram palavras que correram (correm) meio mundo. A imprensa soube multiplicá-lhes o eco, juntamente com numerosas fotografias, cheias de espanto ou indignação.

Hippies. Mas quem são que surgiram (surgem) no dem estes milhões de jovens realmente, e o que prete mundo com os cabelos polvilhados de flores?

O nosso primeiro entrevistado tinha acabado de beber a bica e navegava pelas notícias do jornal da tarde. É um jovem de 21 anos, aluno do Instituto de Económicas e Financeiras. Surpreendido, começou por gaguejar mentalmente. Depois...

— «Considerando os Hippies americanos, parece-me que o seu movimento se traduz numa revolta contra a sociedade vigente, os seus hábitos e instituições e valores morais. Contudo, e na medida em que a sua revolta não conduz a uma transformação das estruturas, o movimento hippie apresenta-se pouco eficiente.

O que os europeus copiam dos hippies não foi mais do que os seus aspectos externos e evidentemente mais fracos — drogas, vestuário e «adereços» — para saciarem o seu desejo contínuo de novidade.

Mudámos de café. Porque um café é um albergue dos notivagos, um santuário essencial para o ritual quotidiano.

Dirigimo-nos a um empregado de escritório de 18 anos que, pacatamente, tamborilava os dedos no tampo da mesa.

— «Não sou a pessoa indicada para falar desse assunto.»

— Mas isso não tem importância...

— «...É legítimo que queiram viver num clima de paz e acho muito bem que não trabalhem. Trabalhar para quê?

Em relação às drogas acho que as pessoas as tomam pa-

ra conquistarem um mundo maravilhoso. E de resto nada mais sei...

— «Conhece os hippies?»

— «Ah esses gajos!...»

Foi desta maneira que um empregado de escritório, de 20 anos, ao mesmo tempo que ageitava a madeixa de cabelo que lhe cobria a testa, iniciou as suas declarações.

— «Tenho um conhecimento imperfeito sobre os gajos, sei apenas o que li e ouvi dizer.

Têm umas ideias porreiras, mas outras... vão se lá matar! Por exemplo as drogas. Quais libertação, quais... é um vício como qualquer outro e mais nada. E isso de ser hippie é um bom pretexto para não trabalhar, pelo menos para alguns. É certo que o movimento dos gajos tem importância e exercem muita influência na música moderna e na moda.

Olha, sabes uma coisa: os hippies já acabaram!...

Chiu! Pode ser segredo...

Eis-nos em frente de um estudante de 17 anos. Calças e casaco «americanos». Cabelo comprido a saltar do colarinho. Uma «pera-criança» a desabrochar. Um longo cachecol de riscas coloridas.

— «Não posso fazer qualquer juízo sobre os hippies, aié porque conheço mal a «filosofia» do movimento. De qualquer modo creio que eles são elementos revoltados contra a sociedade, e procuram escandalizá-la nos mínimos gestos.

O uso de drogas, se é uma libertação, é também uma fuga aos problemas concretos.

Aprecio, sem dúvida, o seu amor pela paz, e na generalidade não os condeno ainda que saiba que a sua acção não é a melhor maneira de resolver os problemas fundamentais da nossa época.

Sobre o amor, o amor livre, tal como os hippies o concebem, que é um dos pontos fundamentais da sua teoria, concordo inteiramente com eles.»

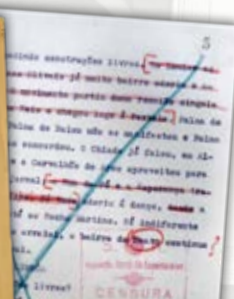
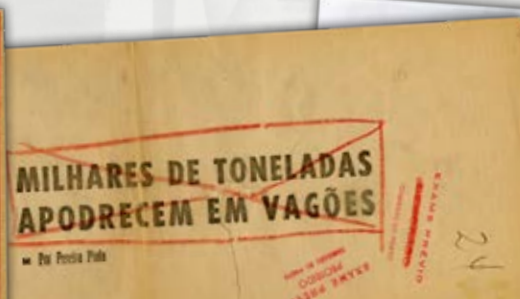
ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA

SERVIÇOS DE CENSURA (SEDE) CORTADO

Notícias da Amadora. Amadora, 1968

Prova de página de 10/01/1968 com a reportagem "Hippies" cortada pelos Serviços de Censura.

(Re)Cortes da Ditadura



2.º Congresso Republicano em Aveiro

Continuação da 1.ª página

O congresso, a realizar por iniciativa republicana e popular, terminará por amanhã.

Decorada com a participação e dinamismo do actual movimento republicano, a este congresso encerra-se um programa de actividades que se prolonga dentro do quadro das instituições republicanas e populares, permitindo assim a continuidade da sua vida e do seu dinamismo.

Indústria têxtil-1969 — pelo industrial José Rabaca

O industrial José Rabaca, de Matagosa, refere que a indústria têxtil não tem como principal problema a falta de matérias-primas, mas sim a falta de mão-de-obra qualificada para a adopção de máquinas modernas.

Preparação em escolas técnicas de técnicos especializados em actividade industrial.

Preparação em escolas técnicas de técnicos especializados em actividade industrial.

Organização de cursos de formação de técnicos especializados em actividade industrial.

O Dr. Arlindo Vicente preside ao almoço comemorativo

Foi presidida com muita alegria pelo Dr. Arlindo Vicente, ministro da Região, que foi convidado a presidir ao almoço comemorativo que hoje se realizou no salão de festas do Hotel de Turismo, sob a presidência do Sr. José Magalhães Godinho, presidente do Conselho Regional.

A sessão da tarde

Depois de uma sessão da tarde dedicada ao trabalho do Congresso, o Sr. Dr. Ricardo Lapa, presidente do Conselho Regional, fez uma intervenção sobre a situação da indústria têxtil em Aveiro.

Dr. Ricardo Lapa, presidente do Conselho Regional, fez uma intervenção sobre a situação da indústria têxtil em Aveiro.

A maioria teve razão

Depois de uma sessão da tarde dedicada ao trabalho do Congresso, o Sr. Dr. Ricardo Lapa, presidente do Conselho Regional, fez uma intervenção sobre a situação da indústria têxtil em Aveiro.

A sessão da noite

Depois de uma sessão da tarde dedicada ao trabalho do Congresso, o Sr. Dr. Ricardo Lapa, presidente do Conselho Regional, fez uma intervenção sobre a situação da indústria têxtil em Aveiro.

Presença de Miguel Torga e de Paulo Quintela

A sessão da noite contou com a presença de Miguel Torga e Paulo Quintela, dois dos maiores nomes da literatura portuguesa.

«O teatro, instrumento de educação e cultura» — comunicação apresentada pelo Dr. M. Dinis Jacinto

O teatro, instrumento de educação e cultura, foi o tema de uma comunicação apresentada pelo Dr. M. Dinis Jacinto.

«Unidade política e acção política» — trabalho conjunto da Comissão Executiva da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Braga

O trabalho conjunto da Comissão Executiva da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Braga, sobre «Unidade política e acção política», foi apresentado.

O congressista mais velho

O congressista mais velho presente no congresso foi o Sr. Dr. Ricardo Lapa, presidente do Conselho Regional.

A constituição de 1933 e a evolução democrática do País

A constituição de 1933 e a evolução democrática do País foram temas de uma comunicação apresentada pelo Sr. Dr. Mário Soares.

«Um conceito de liberdade» — pelo Dr. Urbano Tavares Rodrigues

«Um conceito de liberdade» foi o tema de uma comunicação apresentada pelo Dr. Urbano Tavares Rodrigues.

«Socialismo, caminho para o desenvolvimento da Península» — pelo Dr. Vitorino de Magalhães Godinho

«Socialismo, caminho para o desenvolvimento da Península» foi o tema de uma comunicação apresentada pelo Dr. Vitorino de Magalhães Godinho.

«Do estudo dos problemas concretos como forma de dinamizar a vida nacional» — pelo Dr. Henrique Varela

«Do estudo dos problemas concretos como forma de dinamizar a vida nacional» foi o tema de uma comunicação apresentada pelo Dr. Henrique Varela.

«Perspectivas democráticas da literatura portuguesa» — comunicação de Oscar Lopes, Marta Cristina Araújo e Egito Gonçalves

«Perspectivas democráticas da literatura portuguesa» foi o tema de uma comunicação apresentada por Oscar Lopes, Marta Cristina Araújo e Egito Gonçalves.

«Breves observações sobre a previdência social portuguesa» — por Alberto Pedrosa

«Breves observações sobre a previdência social portuguesa» foi o tema de uma comunicação apresentada por Alberto Pedrosa.

«Livre acesso à cultura» — factor primário de sobrevivência da sociedade portuguesa — tema do Eng. José Gaspar Teixeira

«Livre acesso à cultura» — factor primário de sobrevivência da sociedade portuguesa — tema do Eng. José Gaspar Teixeira.

«Situação do teatro em Portugal» — tema da comunicação do Dr. Luis Francisco Rebelo

«Situação do teatro em Portugal» — tema da comunicação do Dr. Luis Francisco Rebelo.

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes.

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho.

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro.

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins.

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes.

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho.

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro.

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins.

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes.

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho.

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro.

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins.

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes.

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho.

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro.

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins.

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes

«A batalha socialista pela democratização do ensino» — pelo Dr. Rogério Fernandes.

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho

«Os partidos políticos, órgãos essenciais da República» — comunicação apresentada pelo Dr. José Magalhães Godinho.

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro

«Contribuição para a definição da problemática económico-social contemporânea do povo português» — pelo advogado português Dr. Armando de Castro.

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins

«Agricoltura, desenvolvimento económico, democracia» — pelo Sr. Eng. Flávio Martins.

(Re)Cortes da cidadania

SOCIALISTAS

MILHARES DE TONELADAS APODRECEM EM VAGÕES

MUSEU DA IMPRENSA

MUSEU DA IMPRENSA

MUSEU DA IMPRENSA

MUSEU DA IMPRENSA

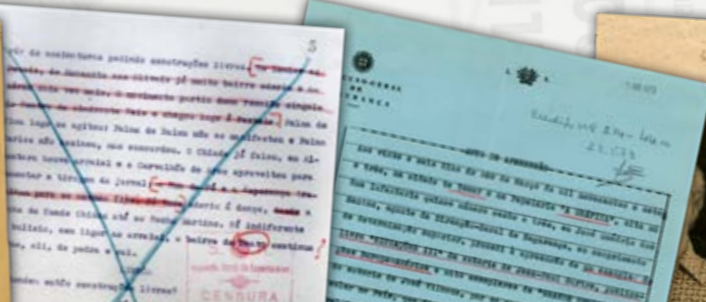
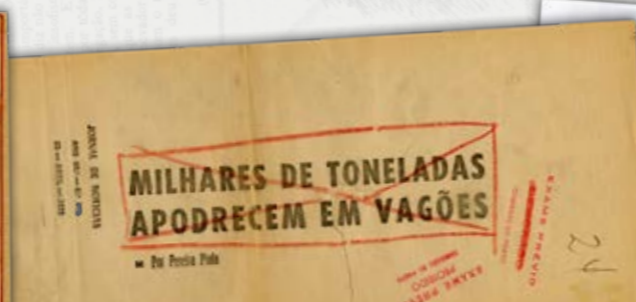
MUSEU DA IMPRENSA

MUSEU DA IMPRENSA

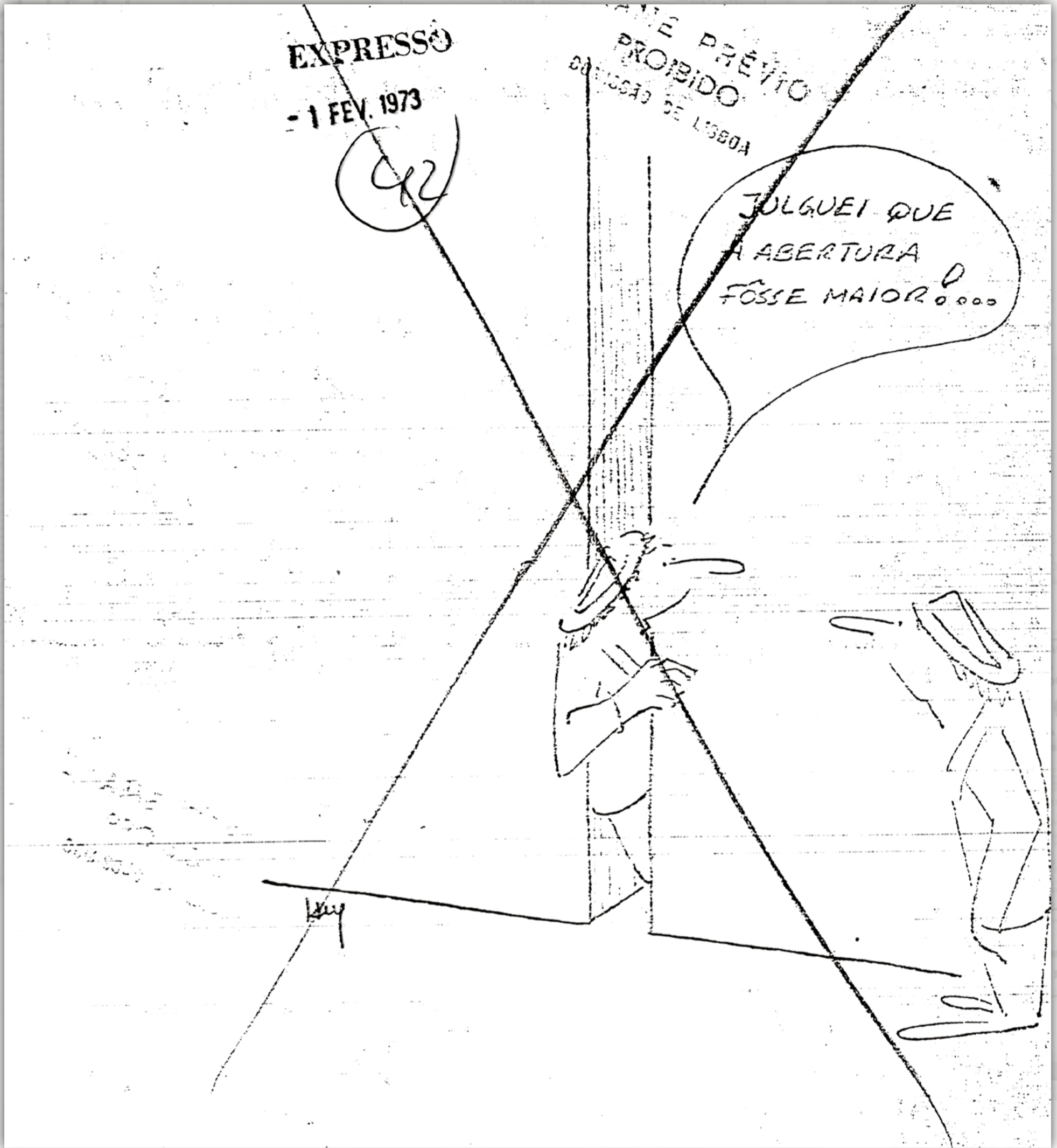
(Re)Cortes da Ditadura

Jornal de Notícias. Porto, 1974

Prova de página de 20/04/1974, com o título da notícia “Milhares de Toneladas Apodrecem em Vagões” proibido pelo Exame Prévio.

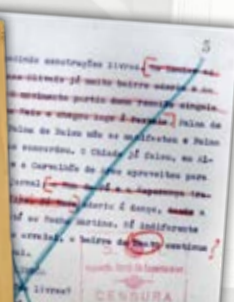
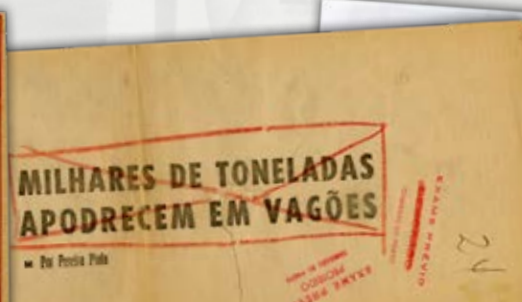


MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA

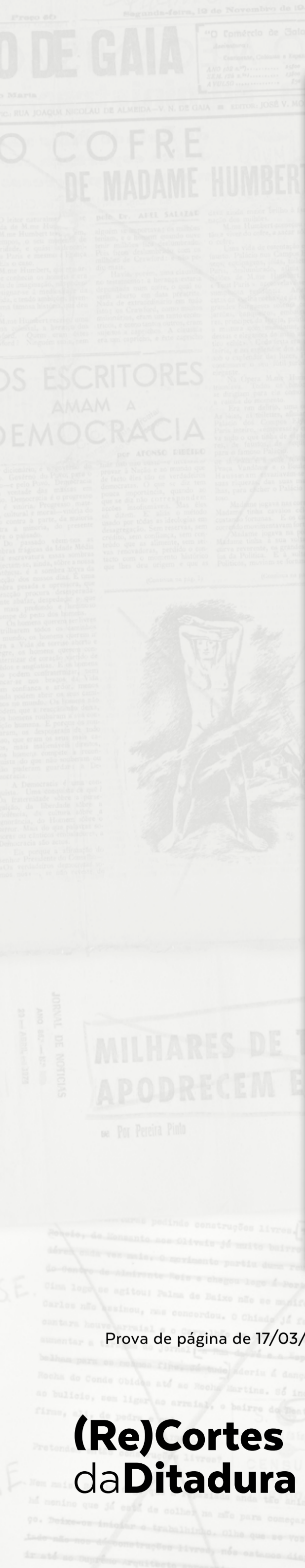


Expresso. Lisboa, 1973
Cartoon de Sam "Julguei que a abertura..." a publicar no jornal **Expresso** (01/02/1973), proibido pelo Exame Prévio.

(Re)Cortes
da **Ditadura**



MUSEU NACIONAL
DA
IMPrensa



O Comércio do Porto
NÚMERO 74
Domingo, 17 de Março de 1974

FILME DOS ACONTECIMENTOS

Forças da G.N.R. e da guarda do Governo Militar de Lisboa cercaram, na madrugada de ontem, as instalações da Academia Militar, onde decorria uma reunião de oficiais. Daí saiu, sob coacção, para o Batalhão de Caçadores n.º 5, o tenente-coronel Brum, o qual mais tarde seria transferido para a Casa de Reclusão do G.º J.º

Porém, às 6 horas, todas as unidades militares da capital entraram na prevenção rigorosa, sendo as respectivas guardas reforçadas.

Uma hora depois, nas entradas Norte da cidade, concentravam-se tropas do G.º M. L. e elementos da G.º N. R., displicado de Lisboa. É que uma coluna militar, de cerca de 200 homens, e 15 carros, procedente do Regimento de Infantaria 5, das Cidras da Baiona, avançava sobre Lisboa, depois de ter partido por Santarém, onde não conseguiu apoderar-se da Escola Prática de Cavalaria. A referida coluna era comandada por oficiais estranhos ao R. I. 5.

Na iminência de ser interceptada, a coluna autotransportada, ao chegar a Alverca, resolveu retroceder para as Caldas da Rainha. A interceptação, a dar-se, seria efectuada por forças de Artilharia 1, Cavalaria 7 e da G.N.R.

Entretanto, das 7 às 9 h. a autoestrada do Norte foi totalmente cortada ao trânsito, que só voltou a ser restabelecido cerca das 11 horas. Durante esse período, os veículos eram rigorosamente controlados, quer para os que entravam, quer para os que deixavam Lisboa.

Enquanto isto, em Monsanto, junto das instalações da Força Aérea Portuguesa, forças do Governo Militar de Lisboa e pára-quedistas da unidade de Tancoas haviam-se concentrado. Na tarde de ontem, realizou-se, ao começo da tarde, uma reunião do Conselho de Ministros, sob a presidência do sr. prof. dr. Marcelo Caetano.

Quase coincidindo com a referida reunião do Conselho de Ministros, as forças que, de madrugada, haviam tomado posições estratégicas nas vias Norte de acesso à capital, começaram a recolher aos respectivos quartelamentos, embora tivessem continuado de prevenção rigorosa as unidades militares da capital e a Escola de Marinheiros da Armada, em Vila Franca de Xira.

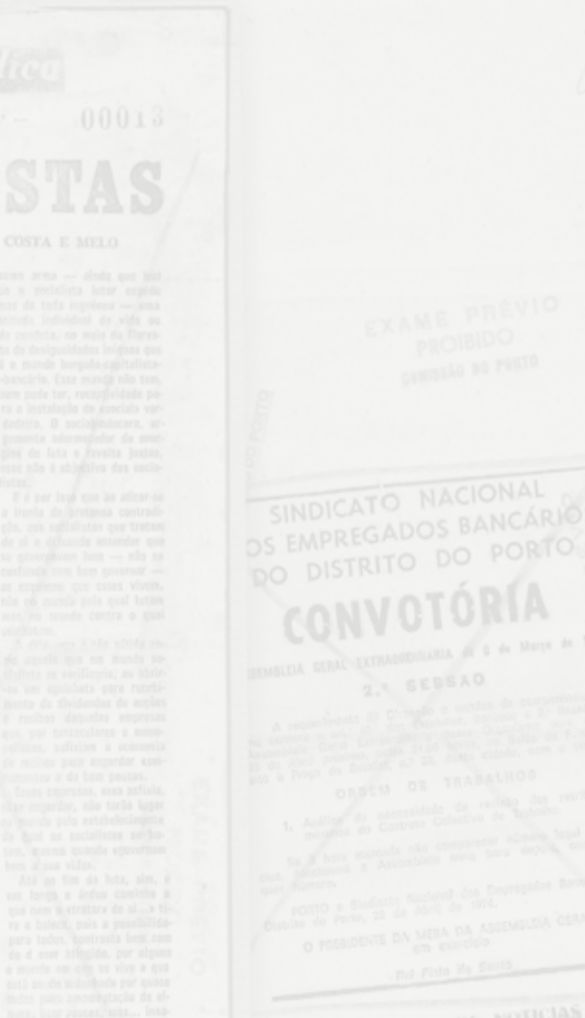
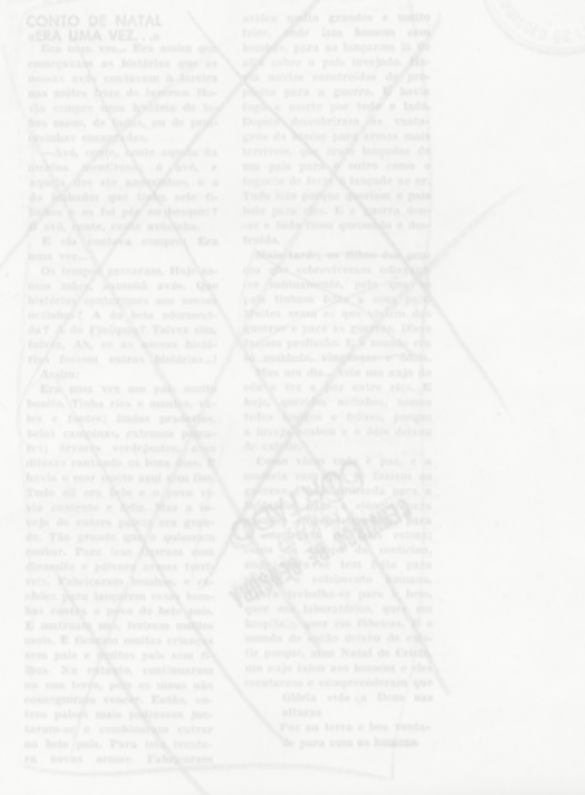
As 16 horas, os rebeldes recidiam-se, nas Caldas da Rainha, ao brigadeiro Pereira de Castro, 2.º comandante da Região Militar de Tomar.

Contudo, o cerco ao Regimento de Infantaria 5 só seria levantado às 22 horas.

No Palácio da Cova da Moura, Departamento da Defesa Nacional, efectuaram-se reuniões do ministro Silva Cunha com as mais altas patentes das Forças Armadas, as quais, iniciadas de madrugada, prolongaram-se por todo o dia.

Entretanto, foram detidos 30 oficiais, sendo 25 das Caldas da Rainha, e os restantes de Lisboa.

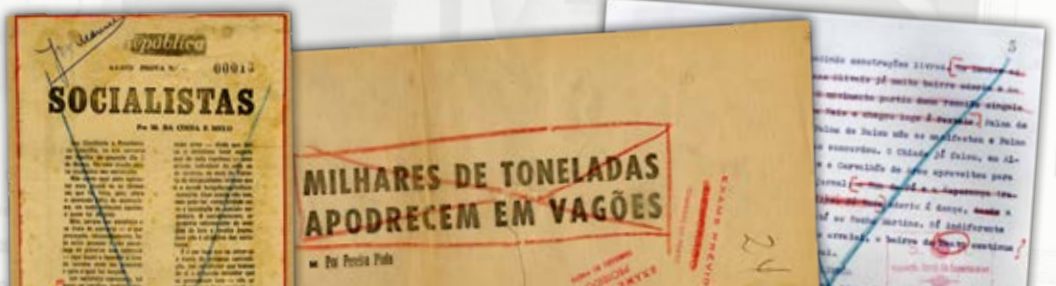
**EXAME PRÉVIO
AUTORIZADO
PARCIALMENTE
COMISSÃO DO PORTO**



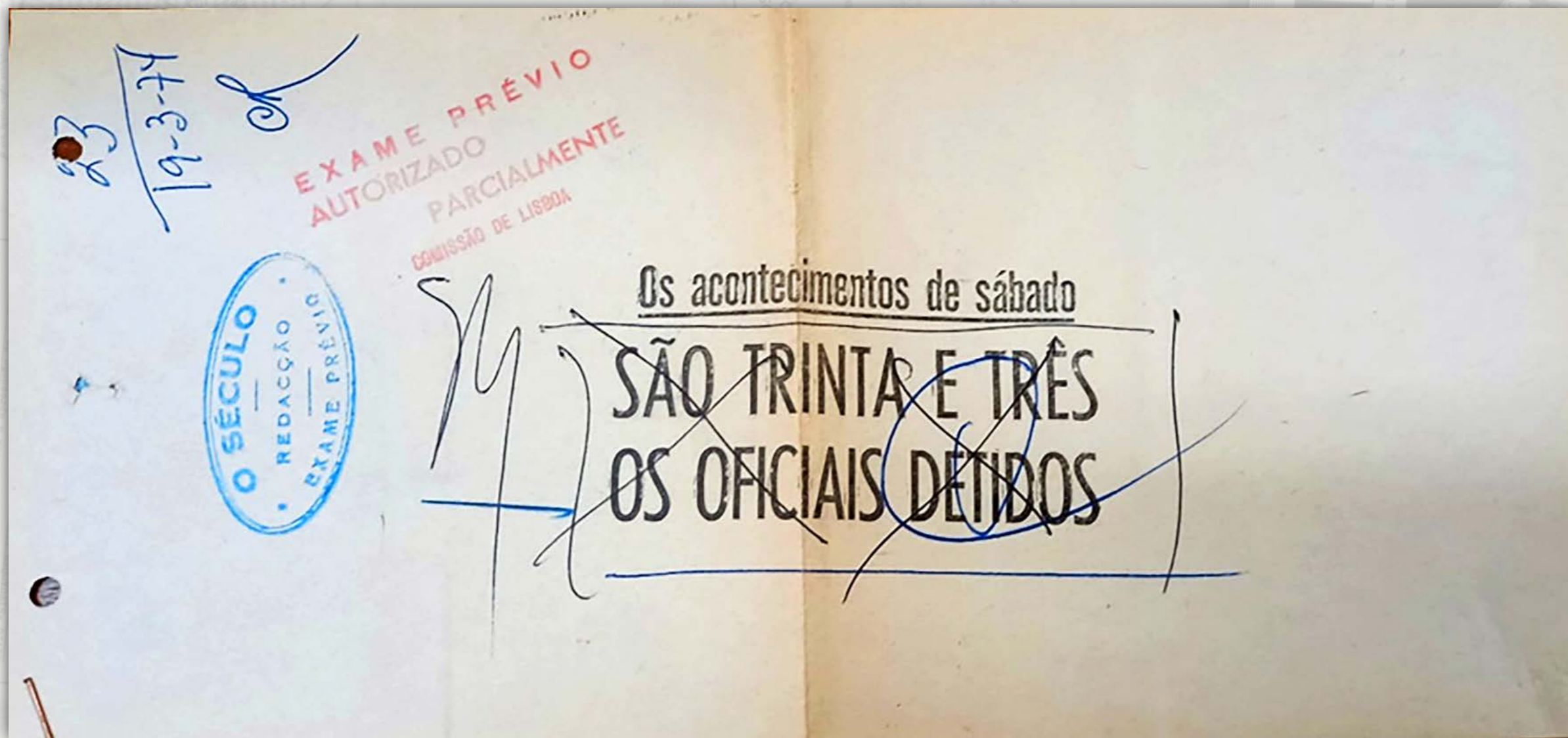
Comércio (O) do Porto. Porto, 1974

Prova de página de 17/03/1974 com indicação/carimbo "Exame Prévio. Autorizado Parcialmente. Comissão do Porto".

(Re)Cortes da Ditadura

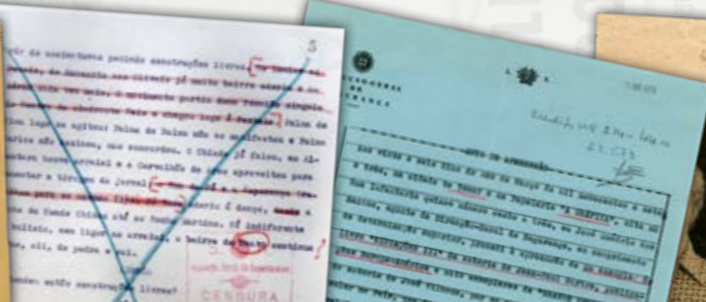
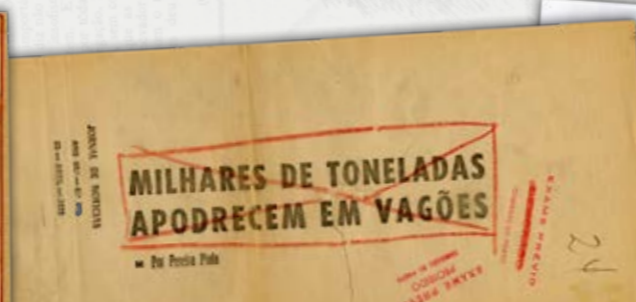


MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA



Século (O). Lisboa, 1974
Prova de 19/03/1974 com indicação/carimbo: "Exame Prévio. Autorizado Parcialmente. Comissão de Lisboa".

(Re)Cortes
da **Ditadura**



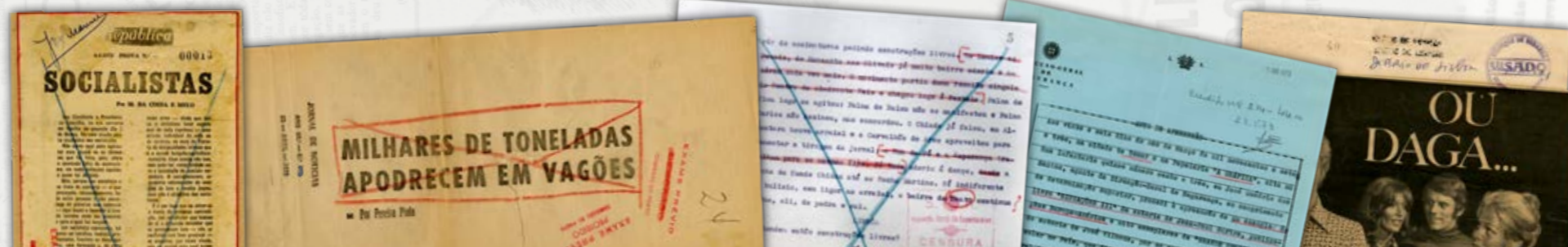
MUSEU NACIONAL
DA
IMPREENSA



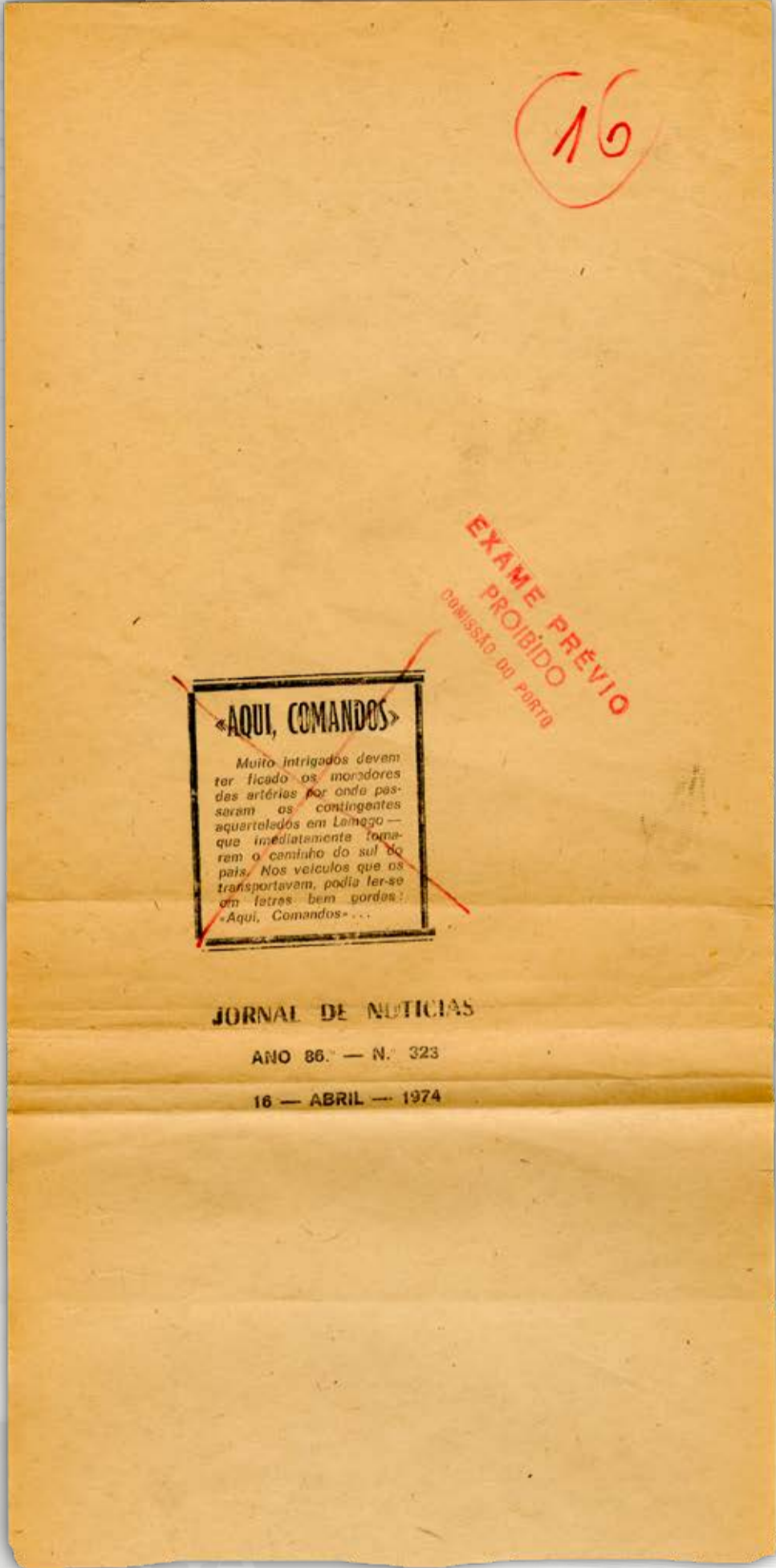
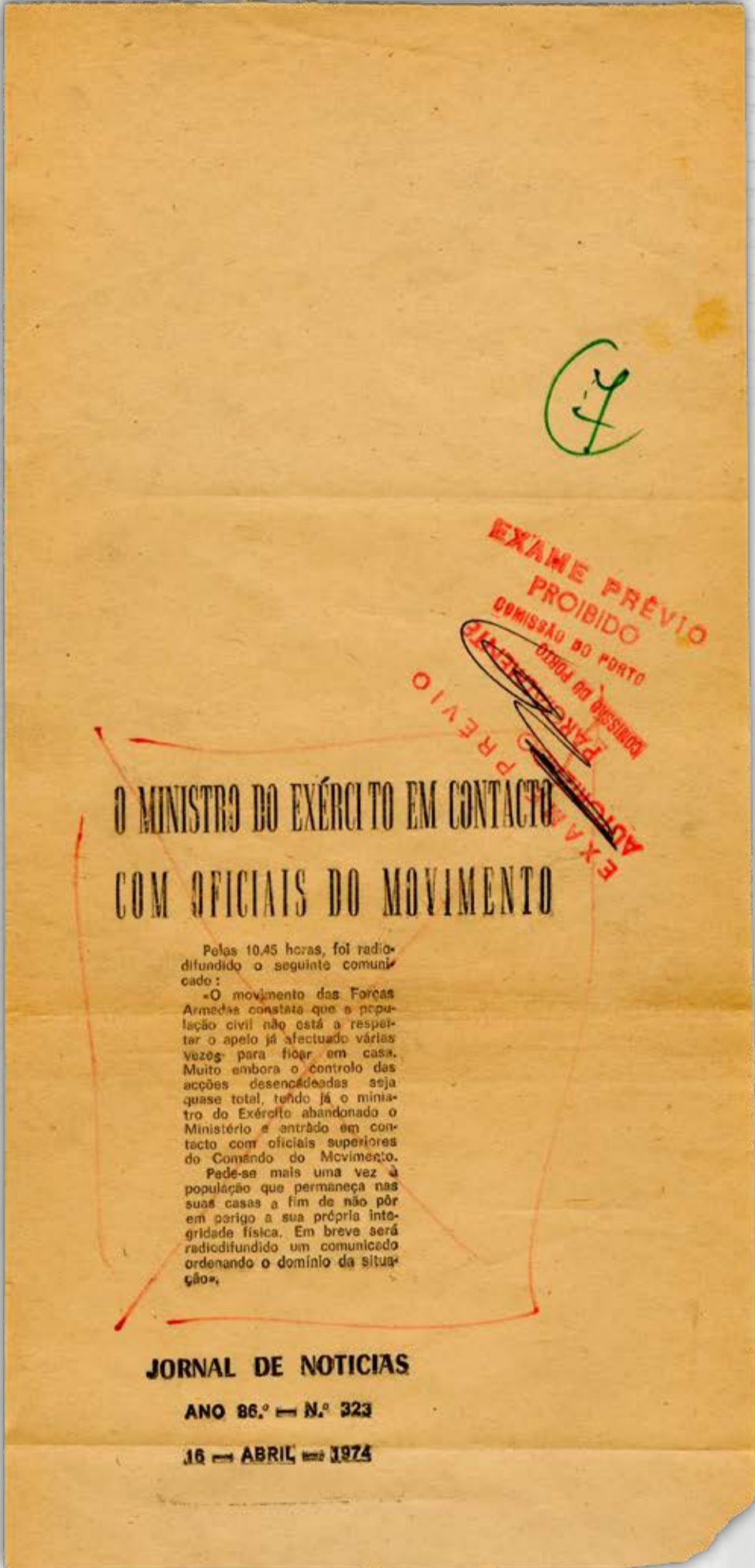
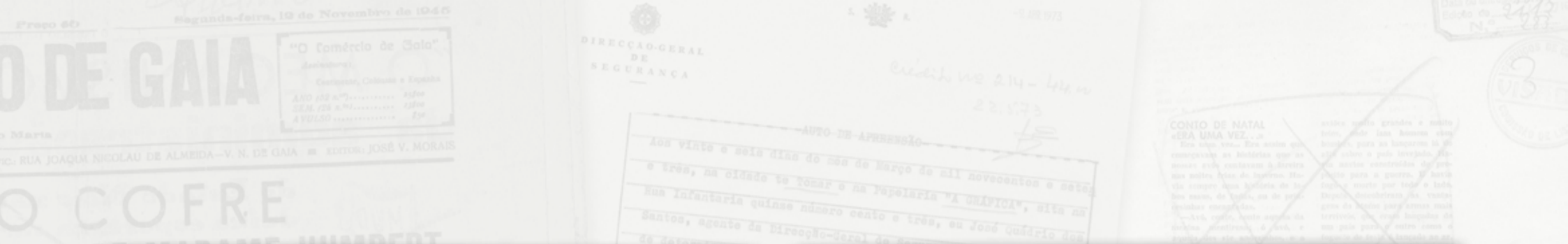
Diário Popular. Porto, 1974

Prova de página de 25/04/1974 com o título da notícia "O Movimento Militar. Forças dissidentes ocuparam no Porto o emissor do RCP em Miramar e controlaram a passagem na Ponte da Arrábida" autorizado parcialmente pelo Exame Prévio.

(Re)Cortes
da Ditadura

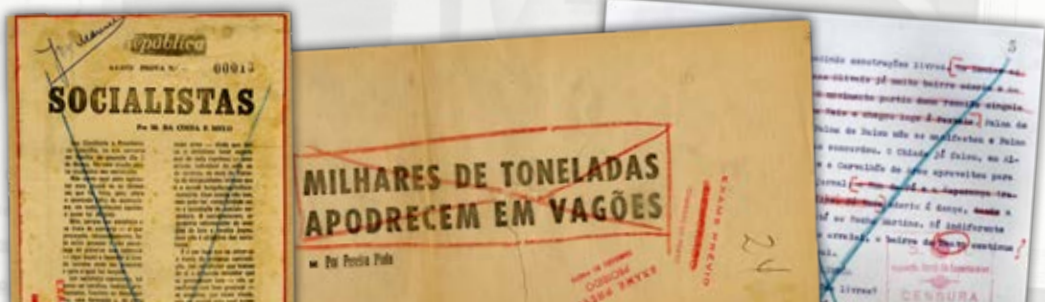


MUSEU DA
IMPRENSA



Jornal de Notícias. Porto, 1974
Provas de página de 25/04/1974, com os títulos das notícias "O Ministro do Exército em contacto com Oficiais do Movimento" e "Aqui Comandos" proibidos pelo Exame Prévio.

(Re)Cortes da Ditadura



MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA